

Título:
Obras Completas de Maria Judite de Carvalho – vol. I
Tanta Gente, Mariana – As Palavras Poupadas
© Maria Isabel Tavares Rodrigues Alves Fraga, 2018

Autora:
Maria Judite de Carvalho

Capa: FBA
Na capa: reprodução de quadro da autoria de Maria Judite de Carvalho
Imagem de capa © Maria Isabel Tavares Rodrigues Alves Fraga
Fotografia de Sounds & Bytes

Depósito Legal n.º 441592/18

Biblioteca Nacional de Portugal – Catalogação na Publicação

CARVALHO, Maria Judite de, 1921-1998

Obras completas de Maria Judite de Carvalho. – (Obras completas
de Maria Judite de Carvalho; 1)
ISBN 978-989-8866-21-9

CDU 821.134.3-34"19"

Paginação:
João Félix – Artes Gráficas

Impressão e acabamento:
Papelmunde

para
Minotauro
em
fevereiro de 2019

Direitos reservados para todos os países de língua portuguesa.

MINOTAURO, uma chancela de Edições Almedina, S.A.
Avenida Engenheiro Arantes e Oliveira, 11 – 3.º C – 1900-221 Lisboa/Portugal

Esta obra está protegida pela lei. Não pode ser reproduzida,
no todo ou em parte, qualquer que seja o modo utilizado,
incluindo fotocópia e xerocópia, sem prévia autorização do Editor.
Qualquer transgressão à lei dos Direitos de Autor será passível
de procedimento judicial.

OBRAS COMPLETAS

MARIA JUDITE DE CARVALHO

I

Tanta Gente, Mariana
As Palavras Pougadas

Prémio Camilo Castelo Branco



MINOTAURO

MAHARAJA JAGATJI RAJWADHARI
JAGATJI RAJWADHARI

Jagatji Rajwadhari

Secretary

Government of India

Ministry of Education

New Delhi

India

1954

1954

1954

1954

1954

1954

1954

ÍNDICE

TANTA GENTE, MARIANA

Tanta Gente, Mariana	13
A Vida e o Sonho	59
A Avó Cândida	65
A Mãe	73
A Menina Arminda	81
Noite de Natal	91
O Encontro	101
O Passeio no Domingo	111

AS PALAVRAS POUPADAS

As Palavras Pougadas	121
Uma História de Amor	185
Uma Varanda com Flores	191
Choveu Esta Tarde	199
A Sombra da Árvore	205
A Noiva Inconsolável	211
O Aniversário Natalício	217
Câmara Ardente	225
Viagem	233

1911
1912
1913
1914
1915
1916
1917
1918
1919
1920
1921
1922
1923
1924
1925
1926
1927
1928
1929
1930
1931
1932
1933
1934
1935
1936
1937
1938
1939
1940
1941
1942
1943
1944
1945
1946
1947
1948
1949
1950
1951
1952
1953
1954
1955
1956
1957
1958
1959
1960
1961
1962
1963
1964
1965
1966
1967
1968
1969
1970
1971
1972
1973
1974
1975
1976
1977
1978
1979
1980
1981
1982
1983
1984
1985
1986
1987
1988
1989
1990
1991
1992
1993
1994
1995
1996
1997
1998
1999
2000
2001
2002
2003
2004
2005
2006
2007
2008
2009
2010
2011
2012
2013
2014
2015
2016
2017
2018
2019
2020
2021
2022
2023
2024
2025



AS PALAVRAS POUPADAS

PRÉMIO
CAMILO CASTELO BRANCO



THE HISTORY OF THE



AS PALAVRAS POUPADAS

O homem desbotado, obsequioso, mesureiro, abre a porta de vidro, imobiliza-a com o pé (é automática) – «Cuidado com o degrau, *Madame*» –, curva-se um pouco para a deixar passar. Tem o grande embrulho redondo, toscamente feito com papel pardo, muito encostado ao peito, protegido pela mão peluda, de unhas largas, uma das quais, a do indicador, está queimada pelo cigarro. Graça oferece-lhe em troca o seu estático, impessoal, quase invisível sorriso, e acha-se na rua, sob a chuva que cai, que desde manhã cedo ainda não deixou de cair, a perguntar a si própria por que motivo se sentirá sempre na obrigação de agradecer, de retribuir com sorrisos de várias espécies – quantos sorrisos tem! – as amabilidades e as indelicadezas. Aquele, o último no tempo, fica-lhe esquecido no rosto, subitamente gelado, indissolúvel no ar. Mas o empregado, ao lado dela, não dá por nada – mesmo que desse! –, a cliente sorri, é gentil da sua parte. De resto, nem isso pensa porque está de costas, com o braço direito levantado. O táxi, porém, não para. Afinal leva gente.

«É sempre difícil a esta hora, há muito movimento, uma maçada. Mas com paciência... O pior é a chuva. Que tempo! Há quinze dias... Estas bombas atômicas, *Madame*, estes foguetões para a Lua, digam o que disserem... A *Madame* não acha? Progresso, progresso... mas para quê, pergunto eu? Se ao menos descobrissem coisas úteis, a cura do cancro, por exemplo... Que isto é uma opinião, claro... Mas

a verdade é que em outubro, no dia dez de outubro, não há memória. Se não passar nenhum telefona-se para a praça. Pode ser, às vezes...» Fala pausadamente, numa voz nem muito alta nem baixa de mais. Uma voz macia, cuidada e cuidadosa, que vagueia pelos assuntos sem se modificar, sem reagir ao seu contacto, sempre igual, independente do resto do corpo, sem nada a ver com o peito côncavo (ou curvado) onde se incrusta, quase penetra, o grande embrulho de papel pardo.

«Ah, finalmente!», exclama o empregado. E logo se ouve um leve salto de água sobre uma superfície líquida e o homem olha atentamente para o embrulho, parece preocupado, observa-o pelo menos com uma expressão que muito se assemelha à ansiedade profissional, depois volta-se para Graça: «Não foi nada, *Madame*.» Abre a porta do carro com a mão livre, deixa-a entrar, estende-lhe as mãos enluvadas de negro, de negro como toda ela, à exceção do rosto triangular, de feições arredondadas, oblíquas, incrivelmente branco ao pé de todo aquele negrume, quase luminoso no crepúsculo do automóvel, à maneira de certas imagens fosforescentes, para ver de noite.

«Cuidadinho, *Madame*», diz então. E ao motorista: «Não vá muito depressa, por favor.» Depois, voltando-se de novo para ela, já completamente descontraído: «E muito agradecido, *Madame*, sempre às ordens. Não esqueça as pedrinhas, fazem muita falta.»

Graça diz «Boa tarde» e logo a seguir, na mesma insignificativa emissão de voz, o nome da rua onde mora e o número da porta, para ficar completamente livre, para se deixar flutuar – que serenidade! – à superfície das coisas e dos gestos e dos sons. E o carro põe-se em movimento, devagar como o empregado da loja recomendara. Devagar de mais. Semicerra os olhos, que são verdes ou castanhos conforme os dias. Sempre que entra num táxi (é preciso que seja um táxi, não um automóvel qualquer; um automóvel qualquer tem sempre uma pessoa a guiá-lo, que fala, a quem é preciso ouvir e responder; um táxi não, o motorista não existe, não se vê, pelo menos não

tem cara, não passa de uns ombros, de uma simples nuca), sempre que entra num táxi tem aquela sensação entre agradável e angustiada de partir sem destino, levada nas entranhas de qualquer animal desconhecido. Ou de ir, muito simplesmente, a caminho de uma vida nova ou ainda de uma morte suave, amiga e misteriosa, sem rosto e sem sofrimento. Nessas alturas mal sente, mal vê, pensa ao de leve, como é doce e consolador. Quase nunca se arrepende do que fez nem lamenta aquilo que perdeu. Quase nunca diz, de si para consigo, que se pudesse voltar atrás...

Mas ninguém pode voltar atrás, assegurava Claude. Para quê ruminar, mastigar outra vez o que estava digerido? Graça falava, contava coisas, voltava sempre ao mesmo. Claude encolhia os ombros, definitivo e certo da sua razão. «Para quê, se morremos todas as noites de morte aparente? O dia seguinte é sempre novo, saímos outra vez do ventre materno, somos outra vez lançados às feras, mas tudo é diferente, visto de outra maneira, a outra luz. Para quê olhar para o que passou se tudo está perdido, irrecuperável, se nada se pode consertar?»

Era a voz de Claude, uma voz que apesar de tudo ainda não começara a decompor-se, voltava do passado-presente, batia levemente as asas, roçava-lhe a testa fria, sem forças já para chegar mais longe, mais fundo, ao seu coração. A voz incerta, às vezes gritada, sempre monocórdica de Claude.

Piedade tem uma voz monocórdica mas é cinzenta, não pode haver comparação. A voz dele era verde-zinabre. Graça está quase irritada consigo própria, mas é uma irritação leve, inconsistente quase. Nem chega a ser irritação. Talvez uma simples discordância entre aquela parte de si que discorda sempre e a outra parte, a que geralmente aceita com um sorriso baço, ou melhor, finge aceitar, por inércia, por cansaço de discutir.

Faz girar cautelosamente o braço esquerdo, projeta o rosto para a frente e consegue ver no relógio de pulso que faltam cinco minutos para a uma. A sua hora de almoço (a hora que Piedade marcou) é o meio-dia e meia hora. Há portanto vinte e cinco minutos que a criada está sentada a acumular rancor dentro de si e a falar sozinha, porque, quando está zangada, Piedade fala sozinha e refere-se a Graça no plural.

Graça gosta de entrar sem que ela dê por isso e de lhe ouvir as imprecações a meia-voz: «Por onde andarão a uma hora destas? E o almoço a estragar-se. Mas que querem, não sou eu a culpada.» Não será mesmo? Graça desconfia de que nessas ocasiões Piedade se vingava cruelmente queimando de propósito os alimentos, de maneira a dar-lhes aquele gosto que a obriga a deixá-los no prato, intactos, ou fazendo-lhes entrar o cheiro do fumo, ou salgando-os. «Apurou de mais. E olhe a senhora que não é por eu o ter feito mas estava uma delícia. Se tivesse chegado a horas já nada disto sucedia.» A alma de Piedade é, porém, um mistério. Quem pode entender as almas das criaturas? E sofre se ela não come o almoço que voluntariamente inutilizou. Corre então para a cozinha e em três tempos prepara-lhe uns ovos ou traz-lhe alguma carne fria que ficou da véspera. E ofende-se muito se ela não come, amarra a cara, dá uma volta, desaparece do seu campo de visão, mas ouve-se da cozinha o tilintar da loiça a acompanhar os seus resmungos: «Se querem morrer...»

Aquilo dura há quase seis meses, desde que Graça regressou e deu com Piedade, anónima e discreta, encostada à coluna dos pequenos anúncios do *Diário de Notícias*.

O táxi parou e ela está surpreendida. De momento não compreende que aquela é a sua rua e a porta com grades nos postigos altos, a porta da sua casa. A ideia e a imagem vão-se formando no seu espírito e diante dos seus olhos, mas muito lentamente. Quando por fim estão completas e bem encaixadas uma na outra, dá consigo

vinda não sabe de onde, nascida de repente no banco daquele táxi. O motorista voltou-se para trás (afinal tem cara, coitado, uma cara redonda, picada das bexigas), está a olhá-la – há quanto tempo? – espantado com a sua imobilidade.

«Não é aqui?», pergunta.

Ela estremece, diz precipitadamente que sim, que é, acha necessário explicar que estava distraída a pensar noutra coisa (era em Piedade, que tolice!), abre a mala, tira do porta-moedas a nota de vinte escudos que lá estava dentro, dobrada em oito partes, recebe o troco, torna a dar uma moeda de um escudo. O motorista agradece sem entusiasmo, estende o braço, dá a volta ao fecho. Graça coloca sobre o banco, cautelosamente, o embrulho, depois desce e só então se volta e lhe pega. Aquilo está a tornar-se uma corrente interminável, pensa ela. Mas não acaba ali, é muito mais longa. Faltam ainda alguns elos – só esses? –, enfim, alguns que ela conhece, que ela prevê. Os outros talvez só acabem à noite ou nunca mais acabem. *Jusqu'à ce que mort s'ensuive...* Que ideia estúpida! Encolhe os ombros muito ao de leve por causa do embrulho, na verdade limitou-se a pensar que os encolhia. Depois é a grade do elevador a correr para o lado direito ao mesmo tempo que a luz se acende e lá fora, num outro mundo, se põe de novo a funcionar o motor do táxi. O botãozinho metálico, o arranque, a ascensão aos céus, a paragem brusca, irremediável. Se pudesse continuar a subir, a subir sem fim, mas não, há sempre um *terminus* e o seu é aquele. Quantas vezes em criança sonhou com o quinto andar e olhou para os vizinhos do quinto andar com inveja... Mas ela sempre teve que descer logo ali, no primeiro, o resto já não lhe pertence, nunca lá foi, é-lhe totalmente desconhecido. A campainha a tocar (tem as mãos presas, não consegue tirar a chave da mala), os passos arrastados, reticentes, de Piedade, que abre a porta em silêncio, a deixa entrar, poisar tudo cuidadosamente na mesa da sala de entrada, soltar um suspiro de cansaço, tirar o lenço, tirar as luvas, captar o novo cheiro da casa

– a que cheira a casa? – para lhe dizer na sua voz quieta e implacável, antes de voltar as costas:

«O arroz sabe a queimado.»

O peixe põe-se a dar voltas no seu pequeno planeta translúcido. «Pode pôr-lhe um pouco de areia no fundo e algumas pedrinhas de cor», disse o empregado que a atendeu. Como se ela não soubesse... Mas por enquanto a casa está vazia e o peixe tem o espaço todo seu e dança e para depois a olhar para fora, surpreendido, agitando os seus grossos lábios redondos. Tem mesmo que lhe arranjar qualquer coisa, aquela ausência de cenário é triste de mais, quase confrangedora. Faz frio.

«O almoço está na mesa. Se querem...»

Comer. Mas a frase de censura fica ainda mais incompleta do que já era, detém-se ali mesmo, vencida pela força da imagem, e Piedade abandona o seu limiar de porta, lugar eleito de onde costuma apedrejar Graça com as suas palavras duras e certas. Dá dois passos em frente e fica a olhar sem compreender o que faz ali aquele aquário. Não fala, limita-se a olhar de Graça para o peixe e deste para Graça.

«O que é isto!», diz, por fim, sem a menor interrogação. É uma exigência de resposta, não uma pergunta.

Ela sorri. Outro dos seus sorrisos. Este é o da-pista-falsa, que indica sempre o caminho errado, muito diferente do melhor caminho, do que vai ter em linha reta ao campo raso. Tem uma comunicação subterrânea com os olhos que ficam subitamente maiores e mais brilhantes. Um sorriso que confunde Piedade.

«Sempre gostei de animais. Agora que tenho a minha casa...»

Detém-se, fica um instante pensativa. A sua casa... A outra não teria sido sua? A outra, a dos móveis claros, barrados de fórmicas coloridas, com reposteiros e *maples* abstratos e o grande cartão de Lurçat na parede? Não seria? Faz a pergunta três vezes mas não

espera pela resposta, foge, volta-lhe as costas, pensa que não vale a pena, nem isso pensa. Regressa muito simplesmente.

«... hei de trazer também um gato.»

Não vai levar gato nenhum. É um simples álibi arranjado à última hora. Depois, não sabe (como havia de o saber) que Piedade não suporta gatos, não pode olhá-los, todos os pelos do seu grande corpo se põem no ar, receia-lhes a instabilidade e também a quietude, mas sobretudo o olhar fixo (de cobra, diz ela), à menor ondulação de um dorso sente-se atacada, arranhada, cega talvez, ensanguentada em todo o caso, põe-se a dar gritos apavorados que devem ser de um ridículo atroz naquela mulher alta, entroncada, de voz grossa, quase masculina, a roçar pelos cinquenta anos. Graça ignora tudo isto. É Piedade quem lho dá a entender, por meias-palavras. E termina sem paliativos, fazendo-lhe uma espécie de *ultimatum*:

«No dia em que a senhora trouxe um bicho desses cá para casa, saio eu. Nesse mesmo dia.»

Ela aceita-o, toma-o em consideração, guarda-o para estudo. A verdade é que não o ouviu senão vagamente, por alto. Assim como viu, vagamente também, Piedade dar meia-volta e regressar à cozinha, seu mundo e seu refúgio. Cada um tem o seu. O dela... O dela o quê? Em que estava a pensar? No aquário, claro, em que havia de ser? No aquário e no lugar onde o vai pôr. Mas aonde há de ser senão na sala? Não foi para isso que o comprou, para o pôr na sala? Era lá que estava o peixe encarnado de Leda, em cima da estante, mesmo ao lado do *pick-up*. O *pick-up* desapareceu – que lhe terá acontecido? Ter-se-á quebrado? Tê-lo-á o pai afastado de si como a uma recordação demasiado penosa? Mas a estante continua a ser o melhor sítio. Pega outra vez no aquário, entra na sala, deita um olhar em volta. Os móveis são os mesmos, estão nos mesmos lugares, não os quis mudar. Sempre teve horror a trocar os lugares às coisas e, se alguma vez isso acontece, não pode habituar-se, elas parecem-lhe agressivas, existem de mais, esbarra continuamente nelas, tem de acabar por restituí-las à primitiva

forma. À ausência confortável dos velhos lugares. Em frente, o grande armário de vidrinhos com as encadernações, à direita o divã de veludo e à frente dele os dois *fauteuils* e a mesinha baixa com a rosa-de-cristal-cinzeiro numa das pontas. À esquerda a consola com o busto do pai, o queixo erguido, os olhos vazados. Ao lado, sem nada em cima, a pequena estante com os livros que ele preferia: Cronin, Maugham, Pierre Benoit. Em frente, o grande estirador onde trabalhava, sempre de pé. Triste e vazio. Na parede, um único quadro, que esse continua, não foi afastado – porquê? –, a camponesa embrulhada num xaile preto, com um cesto nas mãos grossas e vermelhas, inchadas pelo frio.

Tinha frieiras, era tão desagradável. Os seus dedos pareciam chouriços de uma carne rosada, suspeita, deteriorada talvez, quase a estalar a pele. Nem os podia dobrar. Claude pegava-lhe nas mãos sempre geladas, aquecia-as nas suas. Mesmo quando chegava da rua tinha as mãos quentes de um sangue vivo, muito ágil, que não se atrasava. Mas vinha-lhe então uma comichão horrível, levava os dedos à boca, dava-lhes pequenas dentadas. Os dentes ficavam bem marcados na pele esticada, depois, lentamente, os pequenos sulcos, a princípio fundos, esbranquiçados, iam desaparecendo.

O pior era lavar a roupa quando a água quente faltava, o que acontecia o dia quase inteiro. Água mesmo quente só até às nove e meia da manhã. Depois disso, por mais que Graça abrisse a torneira e deixasse a água correr, ela saía irremediavelmente fria. Só às vezes, por um grande acaso, vinha morna da nascente.

Lavar a roupa pela manhã cedo era desagradável. Por volta do meio-dia vinham arrumar o quarto – *je ne déränge pas ces messieurs dames?* – e era tão aborrecida aquela intromissão diária na sua relativa intimidade! Não podia pôr os lenços a secar no espelho do armário nem a sua roupa interior em cima da *chauffage*. Preferia fazer todas essas coisas quando estava certa de não a irem incomodar. Mas então a água já estava fria, que seca!

Nunca tinha reparado em como a pintura era chata, o desenho grosseiro. Senta-se para a ver melhor, com mais atenção, e também porque se sente cansada. Vendo bem, as mãos da mulher não são de pele, parecem borracha, o cesto não tem volume, a cara é inexpressiva. Um manequim embrulhado num xaile. O que teria ele querido pintar? O desalento? O cansaço? A ignorância de um cansaço que, no entanto, existe? Vasco tinha sempre muitas ideias mas era incapaz de as transmitir aos seus quadros. Por isso não vendia e os críticos de arte o ignoravam. Ele encolhia os ombros e dizia que se estava nas tintas, que se todos soubessem como ele se estava nas tintas... «Em que tintas?», perguntara um dia Clotilde-minha-querida. «Nos óleos ou nos guaches?» Mas ninguém se tinha rido, a não ser, claro está, o marido de Clotilde.

Tinha sido Vasco quem lhe ensinara o truque dos lenços, que fazia parte das suas reminiscências de estudante com pouco dinheiro. Graça não acreditara – era lá possível, só se visse – e ele tinha-se precipitado para a casa de banho num daqueles seus entusiasmos infantis, tirara o lenço branco do bolso, molhara-o, torcera-o cuidadosamente, colocara-o depois sobre o espelho, vertical, muito bem esticado. Havia pequenas rugas no tecido, partes mais altas, muralhas da China que não aderiam, mas Vasco calcava tudo aquilo de novo com a mão grande e magra e a superfície quase transparente, com barra acetinada, ficava lisa como o espelho. Ela estava entusiasmada, tinha até puxado uma cadeira e subira para ver melhor.

«Quando é que está seco, Vasco? Daqui a uma hora?»

«Daqui a uma hora, coelhinho.»

Tinha-se voltado, pusera-lhe as mãos na cintura e depois levantara-a em peso. Graça pusera-se a espernear, lembrava-se muito bem. E a gritar baixo, em voz surda, só para ele:

«Larga-me. Magoas-me, não vês que me magoas? Larga-me, ouviste? Lar-ga-me...»

Tinha lágrimas a debruçarem-se-lhe nos olhos mas puxava-as lá de dentro com toda a força de que dispunha.

«Que é isso? Estás doida? Que bicho te mordeu?»

Por fim tinha-a largado. Estava no meio da casa, os longos braços caídos, as sobrelhas claras franzidas de espanto, o lábio superior levemente arregaçado mostrando os dentes brancos, num esgar. Ainda o via e a imagem estava velha e fora rápida, colhida de passagem, em andamento. Já no quarto, antes de fechar a porta, ouvira-o explicar o que se passara e que afinal não tinha ficado entre eles, todos tinham ouvido.

«... levantei-a ao ar e parecia que estavam a matá-la. Que criança tão esquisita!»

E a voz do pai, muito pausada, não tão baixa que ela a não ouvisse: «É uma criança sem mãe, Vasco.»

Graça tinha fechado a porta para não ouvir mais nada, bem de mansinho para não ser ouvida. Para que a esquecessem, que nem mesmo o ruído da porta a fechar-se os fizesse lembrarem-se dela. Gostaria de se diluir no ar, de adormecer e acordar outra pessoa, que maravilha. Acordar a Antoninha Lima, que era tão feliz, ou a Glória, tão bonita, ou a Armanda. Que tinha a Armanda de especial, para que ela desejasse ser a Armanda? Não sabia, talvez nem fosse nada, mas a verdade é que gostaria de acordar na pele da Armanda ou de qualquer outra das suas colegas, menos em todo o caso da Meneses, que era gaga. Até na pele de uma desconhecida, isso então seria o ideal. Que surpresa acordar com uma cara nova numa casa que nunca tivesse visto, com mãe... Era isso, com mãe. Claro que era, não sabia ela outra coisa. Com mãe como a Armanda e a Glória e a Antoninha e todas as outras. Porque não poderia uma coisa dessas acontecer?

Estava parada em frente do espelho e olhara-se demoradamente, ansiosamente, como que à espera de qualquer coisa que ainda não nascera, não estava ali, não existia. Aquela era a cara, a sua, a de todos os dias, que cansaço. Seria feia? Sabia lá! Nem isso a interes-

sava. Ainda não tinha chegado ao patamar onde tal problema estaria à sua espera. Começava pelo fim, pelo alto, sem saber. Olhava o espelho fatigada daquele rosto ainda incompleto – pois se era um rosto de catorze anos! –, farta dele. Uma criança esquisita. «É uma criança sem mãe, Vasco.»

Eram terríveis aquelas palavras. Muitas vezes lhe tinham tirado o sono e acabavam trazendo-lhe lágrimas para a adormecer. Mas nesse dia não eram elas nem Leda, por associação de ideias, que a magoavam e a feriam. Ficara nas outras, nas primeiras. É uma criança esquisita. Não era só o pai, *ele* também falava dela assim. Uma criança, *ele*. A designação que dentro de Graça só a ele pertencia. *Ele*. Mas era um segredo, um daqueles segredos grandes que guardava de si tão ciosamente como dos outros, mais talvez. Vasco, *ele*, passava muitas vezes pelo seu pensamento, apanhava-a de surpresa, de emboscada, mas Graça não se detinha, fugia para longe, para qualquer lado. Ele, porém, continuava presente ali, apesar de tudo. E Graça tinha no fundo de si o sedimento de certo orgulho ignorado, o de Vasco ser um homem e de gostar sem esperança, tornando-se assim interessante aos seus próprios olhos fechados.

Vasco era belo, belo, belo. Tinha pupilas claras de um lindo azul de porcelana, um nariz direito, uma boca de cantos levantados sempre a sorrir até quando não sorria. Quando o olhava sentia o mesmo que certo dia sentira quando pela janela de um elétrico vira um imenso automóvel *beige* do Corpo Diplomático, com um homem imponente, com doirados na farda, ao volante. Ficava diminuída, humilhada, agradavelmente relegada para um lugar muito inferior, de intacta e pura admiração. Vasco era o automóvel *beige*. Junto dele as pessoas sentiam-se feias e sem jeito.

Do seu quarto, Graça ouvia-os no corredor, depois na sala de jantar. «No lugar do costume, Vasco.» Era a voz da madrastra. «Mas falta a pequena, vou chamá-la.»

Um momento para se deitar em cima da cama, levar a mão à testa, que, na realidade, só agora dava por isso, lhe doía.

«Então o que é isso? Estás doente? Anda, vê se vens jantar. O pai fica aborrecido e depois o Vasco, coitado, pensa que ficaste zangada com ele. Vê se fazes um esforço, não sejas desmancha-prazeres. Depois do jantar vêm a Clotilde e a Emília.»

Ela, porém, declarara:

«Não vou, estou doente.»

A leve mão de Leda na sua testa.

«Mas é verdade, estás com febre.»

Tinha 38. O médico viera nessa mesma noite e depois de várias análises havia de diagnosticar uma nefrite.

A doença faz esquecer os agravos, e Vasco, mesmo convencido como devia estar de que se tratava de uma doença diplomática, viera desejar-lhe as melhoras.

«E não penses que estou zangado. Amigos como dantes, coelhinho. Como dantes.»

«Quero o lenço.»

«Que lenço?»

«O que puseste no espelho a secar.»

Nessa noite tinha dormido com o lenço ainda húmido debaixo do travesseiro e na manhã seguinte guardara-o na caixinha de prata, dos segredos, que depois fechara à chave. Ainda lá devia estar. Mas a chave tinha-se perdido.

O aquário fica ali muito bem, não podia arranjar-lhe sítio melhor. Veio preencher um lugar que, Graça verifica-o depois de o ter pensado, lhe pertencia. Assim como um retângulo de parede de onde se tire um quadro pertence para todo o sempre ao quadro. O papel fica mais escuro ou mais claro (não desbotou com o tempo ou não se queimou) e horrivelmente nu e vazio. O ar também sobejava na parede, por cima da estante. Agora, sim, está tudo como devia estar. Sereno, quase apaziguado.

O aquário arrasta-a por secretos caminhos ao Dupont e depois, por um atalho conhecido, às trutas do Royal. O brasileiro a dar o soco no *garçon* e este lançado em voo sobre o aquário logo estilhaçado e as trutas em liberdade – em liberdade enfim... –, as trutas aos saltos no chão.

Estava sentada a uma mesa com Claude mas limitara-se a deitar um olhar desatento àquele *fait-divers* que pelo menos era original e noutra qualquer altura a teria possivelmente divertido. Ao seu lado havia um grande espelho que de vez em quando lhe oferecia fugazes imagens turvas, esverdeadas e aquáticas de si própria.

Fugia sempre a sentar-se perto de um espelho. Os espelhos, pensava, eram feitos para a gente se estudar, de frente ou a três quartos, com atenção, durante alguns segundos, e para depois deixarem de existir. Mas aqueles que refletiam sucessivamente dezenas, centenas, milhares de imagens suas, em movimento, perturbavam-na. Via-as mesmo sem as olhar. A mão a ir lentamente até à boca, o cinzeiro onde a cinza (a sua?) ia tombando muito ao de leve. As expressões que ignorava e lhe eram lançadas em rosto, traiçoeiramente. Um filme projetado para uma sala inteira. Ela, oferecida ao mundo sem o saber.

«Para onde estás a olhar?»

Claude olhava para o espelho (estava em frente dele), ou talvez não olhasse para nada, se limitasse a beber o café. A chávena ia no ar, já tinha entreaberto a boca de lábios finos.

«Para nada. Para o espelho. Porquê?»

Mas a chávena fizera a viagem de regresso antes de ter chegado ao seu destino e Claude, ainda a pegar-lhe na asa, fitava a mulher atentamente.

«Que tens tu?», perguntou por fim. «Estás com uma cara esquisita. Não te sentes bem? Se quiseres vamo-nos embora.»

Para o hotel? Para o quarto do hotel? Para o quarto com as luzes apagadas? Deitar-se e dormir ou deitar-se e não dormir? Oh, não,

não. Ao menos ali, apesar de todos os espelhos, havia gente, havia luz. Luz fluorescente, gente desconhecida... Paciência, era o que se podia arranjar.

Três polícias, o criado a apontar para o brasileiro que acabava serenamente o seu *demi*. «*Il aurait pu me tuer, monsieur l'agent.*» E apalpava a nuca cortada pelos vidros, toda ensanguentada. «*Il aurait pu me tuer...*» A ideia dessa morte possível, para ele tão importante – pois não, se era a sua! –, enchia-o todo, não descobria mais nada para dizer. O seu cérebro tivera uma indigestão. «*Il aurait pu...*»

«O meu pai morreu, Claude. Recebi um telegrama.»

Outro qualquer teria perguntado: «Quando?» E logo a seguir: «Porque não me disseste nada? Porque mo dizes só agora? Porque escolheste este momento?» E depois: «De que morreu o teu pai? Quem te mandou o telegrama?» Eram perguntas naturais, afinal de contas. Mas com Claude tudo era fácil, demasiadamente, desoladoramente liso, sem possibilidade de um desvio qualquer, de um atalho com vegetação alta que a escondesse do seu olhar. Com ele a estrada era sempre larga e a visibilidade excelente. Compreendia tudo e conhecia-a tão bem que ela se sentia às vezes perturbada. Como agora. Ele olhava-a, estendia-lhe as mãos por cima da mesa, e Graça via-lhe no rosto os pensamentos do momento. Pensava, claro, que ela só agora tinha podido falar, partilhar com alguém o desgosto que durante horas guardara dentro de si, só seu. Era tão natural, afinal de contas. Nada de estranho naquela reação. Havia como que uma esperança no seu silêncio. Agora tinha falado e de repente o pai morrera, de facto, e ela podia chorar.

Graça levava as mãos ao rosto e trouxera as palmas molhadas. Como sempre fazia, maquinalmente, encostara-as à boca, entreabrira os lábios, tinha-lhes tocado com a língua.

O arroz está de facto queimado e salgado também. Não se pode comer. Piedade ultrapassou-se.

Aquele é o seu lugar de sempre, com as costas voltadas para a porta. À direita ficava o pai; em frente, Leda. Atrás de si, quase encostada ao espaldar da cadeira, a criada que servia à mesa. Neste momento é Piedade que ela não vê nem ouve, mas sente hirta e ressentida, desconfiada, de olhos fitos naquele arroz odorante que ela tem no prato e cujo volume não diminui. E Graça quer pensar em qualquer coisa que a afaste dali, da solidão daquele dia (de muitos outros dias), que a arraste para qualquer lugar, mas não pode porque espera, intensa, quase ansiosamente, que Piedade diga o que tem a dizer.

«A senhora quer uns ovos? Há fiambre no frigorífico...»

Um suspiro. Já está. Sente-se liberta e quase agradecida. «Não vale a pena», responde docemente. «Não tenho apetite. Pode trazer o café.» E depois, como se só naquele momento se tivesse lembrado de uma coisa sem importância: «É verdade... há de aí vir uma senhora procurar-me. Mande-a entrar para a sala.»

O café não presta. Piedade não sabe fazer café e ela ainda não se lembrou de comprar a máquina. O café de Piedade ou é uma água escura, sem sabor, ou uma mistela grossa e amarga, repugnante. Desta vez não sabe a nada, antes disso. No Royal...

«O que me custa mais é ele não me ter perdoado», dissera.

«Eu sei.»

E de súbito ela tinha sentido nascer dentro de si uma invisível fonte, e escorrer-lhe no sangue e chegar-lhe ao coração, qualquer coisa que conhecia bem e que doía.

«Não, não sabes!», gritara. Como podia ele saber se nunca lho dissera? E irritavam-na aquele olhar sereno, sobre ela, e aquelas mãos tranquilas a prenderem as suas. Tivera um súbito desejo de lhe fazer mal, de agitar a superfície lisa das águas, de atirar uma pedra só para a ver coberta de círculos, enrugada de pequenas ondas. «Foi tudo muito mais complicado do que pensas. Eu tinha catorze anos...»

Tinha catorze anos e hoje tem trinta e quatro. Será possível que as imagens continuem intactas e que ela tenha levado vinte anos a jogar xadrez consigo própria, a mudar as pedras de lugar, a comê-las e logo a vomitá-las, esquecida da vida? Como é que já lá vão vinte anos de dias tão longos, tão difíceis de passar, e ela já tem cabelos brancos, não muitos mas alguns em todo o caso?

Só deu por isso porque eles eram tão longos e difíceis, e não só para ela, para muitas mais pessoas, um dia, uma noite para ser mais precisa. Estava na sua casa, na outra, na da mobília americana, que episodicamente fora sua, embora esse episódio tivesse durado uns bons doze anos. Tinham tido visitas para o jantar, um casal já de uma certa idade – o marido era engenheiro e trabalhava na fábrica do tio de Claude. Depois da refeição, do café e dos licores, tinham organizado uma mesa de jogo. Por gentileza. Sabiam que o engenheiro *van* qualquer coisa gostava muito de jogar *pocker*. A mulher não era grande entusiasta e jogava mal. Era uma boa burguesa gorda e corada, com muitos filhos e já bastantes netos e que trazia a mala sempre cheia de fotografias das crianças, para mostrar. «Não são bonitos?», perguntava. Não eram bonitos, longe disso, mas ela era tão tocante ao fazer aquela pergunta, que era afinal mais uma verificação do que outra coisa, que todos lhe diziam que eles eram uns amores e tão engraçados. Ora, a verdade é que a senhora *van* qualquer coisa se entusiasmara nessa noite com o *pocker* e por causa desse entusiasmo – inesperado – tinham terminado o jogo eram quase três horas. Não houvera grandes perdas nem grandes ganhos. A bem dizer tinham todos ficado «em casa». E a senhora dissera à saída, depois de se despedir:

«Gostei imenso, vou tornar-me uma jogadora. Isto, de facto, é uma coisa estupenda para gastar o tempo.»

Gastar o tempo, aí estava a grande solução, ou melhor, o grande problema. Gastá-lo. A jogar, segundo a teoria recente da belga. A mastigar coisas passadas, segundo a sua própria teoria. O tempo era tão

longo para muita gente, até para uma boa burguesa cheia de netos. E, no entanto, que naturalidade a da sua frase: «Isto, de facto, é uma coisa estupenda para gastar o tempo.» Mais nada. Descobrira o medicamento, talvez o utilizasse daí em diante. Mas ela? Estava farta de mover as pedras no tabuleiro, farta das pedras e das suas mãos a movê-las e do tabuleiro onde as movia. Mas não podia fazer mais nada.

Levanta-se da mesa. Lá fora, num relógio qualquer, batem duas horas. Daí a momentos, daí a uma eternidade, levantar-se-á da mesa outra vez. E amanhã. E depois. E daí a muitos anos. Tudo morre à noite, dizia Claude. Mas não, a vida é longa, desliza e escorre sem uma quebra. Uma sucessão de acontecimentos, uma corrente sem fim de palavras ditas e de palavras poupadas. Dessas principalmente. Tinha catorze anos nesse inverno e hoje tem trinta e quatro. Vinte anos em que nada morreu, nada, nem mesmo Claude, e em que pela manhã, ao acordar, tudo foi sempre dolorosamente igual ao que era ao adormecer. E ela ali está no mesmo sítio.

Era uma idade quase milagrosa e ela sem dar por isso. A ave levantara voo mas ainda não havia chegado ao alto da montanha, estava suspensa no ar, de asas abertas, mas faltavam-lhe as forças para chegar lá acima. Lembravam-lhe constantemente, de cara séria e vinco na testa, que fazia e dizia coisas que já não lhe ficavam bem, que eram ridículas, pois não reparava como estava crescida, uma mulher? Diziam-lhe depois, às vezes logo a seguir, quase ao mesmo tempo, era conforme a cor dos dias, que era ainda muito pequena para tomar certas atitudes independentes e modernas. Duas palavras, tão enroladas em sarcasmo que nem se lhes via o significado inicial, pareciam recém-inventadas. Era o pai que as dizia num metal de voz muito grave, pesado de negros presságios.

Tudo aquilo eram coisas de antes da doença. Depois houvera, naturalmente, uma inversão de valores. O tempo longo, longo, ex-coisa secundária, passara a estar ao alto da primeira página, antes ainda de Vasco, antes de Leda.

O inverno arrastava-se, triste e monótono, muito chuvoso mas muito frio também. Aos dias molhados, imensos, seguiam-se outros, cinzentos e secos, em que o sol nem por um breve instante se acendia. Depois disso talvez tivesse havido invernos piores, mais tristes ou mais belos (os de Paris, desenhados à pena; os de Bruxelas, tão brancos e pesados), mas haviam deslizado por ela, ou ela por eles, de qualquer modo mal os vira, de ocupados que lhe estavam os olhos e o espírito com assuntos mais importantes que então existiam à sua volta ou dentro de si própria. Os atores são sempre maiores do que o cenário e o texto incomparavelmente maior do que os atores. Não falando, claro, da personagem principal, que, essa, domina tudo, dominava tudo porque era ela. Nesse inverno, porém, dera-se uma cisão quase radical entre o seu espírito e o seu corpo e tinha sido este a vencer, perdendo. E ela deixara de ser personagem principal para se tornar matéria inerte.

Às vezes, de lábios cerrados e pálpebras corridas, tão apertadas que os olhos lhe dóiam, ouvia os passos leves, esvoaçantes de Leda, que atravessava o quarto, endireitava qualquer objeto desarrumado, fechava as janelas de madeira para ela não acordar com a luz acinzentada, cor-do-muro-em-frente, se detinha um breve momento junto da cama a escutar-lhe a respiração. Chegava a tocar-lhe na testa, muito ao de leve, para verificar se não teria febre. Depois ia-se embora sempre em bicos de pés (tinha o segredo dos gestos silenciosos) e Graça deixava de sentir o peso insuportável da sua presença. Os cuidados da madrastra eram uma ofensa, gostaria de ser maltratada, pelo menos esquecida, e poder detestá-la à vontade, sem mal-estar nem remorso. Mas não, nem isso lhe era dado. Chamava então a si a recordação já laboriosa do rosto da mãe, como se a imagem dela fosse bastante para neutralizar a existência da outra. Não era, porém, assim. A mãe cada dia vinha com maior dificuldade. A sua imagem tornara-se com o tempo extremamente fluida e escorregadia, escapava-se à menor distração da sua parte, apanhava-a de novo

quando estava quase a desaparecer, mas a sombra (por fim já não era mais do que sombra) acabava sempre por resvalar para um poço negro e fundo e tudo aquilo era um esforço que a deixava exausta. Acabava por ceder, abria as mãos e os olhos e largava-a. Distendia-se toda. Sentia uma grande calma e uma grande amargura.

Quantos invernos haviam passado depois desse, e ainda hoje há dentro de si momentos e sons, aromas também, que ele lhe legou em herança. Estivera incrivelmente atenta, receptiva. A tantas coisas. Ao frio, por exemplo, que apesar de deitada e tapada por muitos cobertores de lã lhe entrava em arrepios pela carne emagrecida, à chuva que a janela do seu quarto chorava, tardes inteiras, dias sem fim, semanas. Os sentidos apuravam-se-lhe dentro do mundo novo, restrito e por isso mesmo muito mais nítido que passara a ser o seu. O quarto. O pedaço de rua que via para além das vidraças. O perfume que a madrastra usava nesse inverno (trouxera-lho Vasco de Tânger), uma essência oriental de flor-de-lótus – era isso, pelo menos, o que o rótulo dizia em inglês –, grosso, enjoativo, pesado, muito persistente. Não era um perfume invisível como todos os seus conhecidos, normal e modestamente aéreo. Tinha forma, a de Leda. E a sua voz também. Durara todo esse inverno até ao dia em que o frasco aparecera quebrado e a casa atrozmente inundada de *Lotus Flower*, e ficaria ligado a todo o resto – ao frio, à chuva, às visitas do médico, às de Vasco, a tantas outras coisas. As vozes que lhe chegavam da sala quando à noite – raramente – havia visitas. As gargalhadas em leque de Clotilde, que fora amiga da mãe e adotara incondicionalmente Leda. As frases rápidas e inteligíveis de Vasco. A voz do marido de Clotilde, um homem plácido, imenso e vegetal, que tinha por hábito concordar com todas as opiniões, mesmo que elas fossem opostas umas às outras, e que chamava à mulher – sempre – Clotilde-minha-querida. Os longos discursos do pai, pausados e definitivos. Até os silêncios de Leda, que ela adivinhava a beber golinhos de *Chartreuse* e a acender *Camels*, que apagava, meio ardidos, às vezes

sem mesmo os levar aos lábios. As pessoas que caminhavam de noite, na rua quieta, e lhe diziam, pelo som dos seus passos a bater nas pedras do passeio, se chovia ou se o tempo estava seco. A árvore que ficava em frente e cuja copa avistava da cama. Que árvore seria? Não sabe, nunca o soube. Para ela são tudo árvores, nunca foram mais do que isso. Não têm outro nome, nada as distingue umas das outras. Lembra-se de que o vento lhe fustigava as folhas com uma persistência encarniçada de ódio manso, sereno, implacável, e de que elas se iam rendendo-se brandamente e sem luta, pairavam um instante no ar como pequenas mãos transidas, vinham às vezes tocar-lhe na vidraça a pedir refúgio, depois desapareciam pela rua abaixo. Era para Graça um jogo angustiante vê-las desprender-se e então pensava: «Se aquela, a do lado esquerdo, a maior, cair dentro de cinco minutos é porque me curo depressa.» Uma vez, porém, acontecera-lhe pensar: «... é porque ela se vai embora, é porque alguma coisa a há de fazer ir-se embora.» E a folha tinha caído.

Também lhe chegavam os barulhos da casa, ruídos familiares que habitualmente faziam parte do silêncio ou de uma amálgama de sons tão desprezíveis que em condições normais só muito ao de leve lhe afloravam o ouvido, não chegando a tomar consciência deles. As criadas a conversar na cozinha quando mais ninguém estava em casa. A água a correr para o tanque, na *marquise*. A música dos copos à hora de pôr a mesa, já diferente à hora de a levantar. O som aguçado da campainha da porta. Aquele disco – como se chamava? – que Leda punha no *pick-up*, de tarde, quando o pai não estava, agora muito baixo para não a incomodar também a ela. Uma java enervante de pianola, com sons em círculo, a rodarem, a enrolarem-se até ao esgotamento, que às vezes a obrigava a tapar os ouvidos para não gritar, mas que a madrastra escutava serenamente sentada no seu lugar habitual. Porque gostaria daquela música?, pensava a princípio. Que recordações lhe traria?, perguntava depois a si própria.

Claude escutava-a sem compreender. «Achas que tudo isso é necessário? Sinceramente?» E deitava um olhar rápido ao relógio. «É quase meia-noite e meia hora, não podíamos ir falando pelo caminho?»

Mas pelo caminho não. Sem o auxílio do rosto dele, daquela fronte serena, não podia falar. Precisava de modelar as suas palavras, de as ver, de as entregar em mão própria. Não queria perdê-las de noite, pelas ruas de Paris.

Era uma quinta-feira de fevereiro, Claude. Um dia igual a todos, aos que tinham passado e aos que haviam de vir. Mais um dia de viagem deitada no pequeno beliche do barco à vela, que às vezes, nas horas mais difíceis, voltava a ser um quarto. De vez em quando fazia batota ao tempo e dormia uma ou duas horas durante a tarde. Acordava àquela hora doce, tão breve e maternal do crepúsculo. Depois chegava a noite e isso era sempre agradável. Não que tivesse pela noite uma predileção especial, mas ela era como que uma porta que se fechava sobre mais um dia, outro que passara, um dia a menos. Às vezes pegava no despertador e fazia-lhe girar os ponteiros. Um dia, oito, trinta dias... Mas quando parava só tinham passado dois ou três minutos, cinco no máximo, e ali estava ela, no mesmo sítio e de relógio na mão. Fazia *puzzles*, lia muito, mas a leitura acabava por a fatigar. Fechava os olhos e punha-se a refazer a seu modo as histórias lidas. Entrava nelas, naturalmente, e voltava a ser, embora em pensamento, uma personagem principal. Eram afinal os seus melhores momentos esses em que descia ao centro da Terra com Axel e o doutor Lindbroken ou entrava, sem receio, nas minas de Salomão. Depois também aquilo a cansava e encontrava-se outra vez sozinha consigo própria. Era um encontro sem novidade e que a aborrecia sempre.

Só um pouco mais de paciência, Claude. Tudo aquilo era para que compreendesse, para que pudesse ver como ela estava só. Porque queria? Porque afastava Leda? Porque se recusava a falar com ela?

Talvez, sim, devia ser isso. Mas nada impedia que estivesse sozinha e que tudo, até as coisas desprezíveis, se tornasse grande dentro de si. As outras então eram enormes.

Vasco? Se Vasco não a acompanhava um pouco? Que estranho, não se lembrava... Que seria feito de Vasco nessa altura? Onde estaria? Ah, era isso, fora passar um mês com um amigo a uma quinta que ele tinha no Norte. Vasco? Não, o amigo. Chamava-se Ferreira. Um nome sem ressonância, que morria logo que era pronunciado. Por isso o fixara. Vasco referia-se ao amigo, citava uma frase sua, e havia um silêncio cortado finalmente pelo pai ou por Leda, que inauguravam *sempre* outro assunto. Mas voltando a esse inverno, Claude.

De vez em quando a Antoninha Lima, sua colega de carteira no Maria Amália e sua amiga, vinha visitá-la. A princípio aparecia todas as sextas-feiras. Trazia sempre muitas novidades, coisas que tinham acontecido durante a semana, pequenas intrigas. As suas visitas, que a princípio recebia com alvoroço, tinham começado, porém, a aborrecê-la. Tudo o que a amiga contava lhe parecia decorrido numa outra vida onde deixara de ter entrada. E a Antoninha começara a espaçar as visitas, talvez por verificar que não era recebida com o entusiasmo inicial e ter sentido por isso esfriar o seu, sem dúvida muito louvável, de irmã de caridade *in herbis*, a cumprir o preceito cristão de visitar os enfermos e os encarcerados. Depois, deixara por completo de aparecer. Graça tinha achado o facto natural e chegara a sorrir com as perguntas infantis da madrastra. «Então a Antoninha? Estará também doente? Queres que telefone a saber?» Dissera-lhe que não queria tal coisa e tinha feito o possível por não pensar mais na sua ex-amiga. Assim como nunca se sentira capaz de fazer muito pelos outros, também não se admirava de que os outros pouco ou nada fizessem por ela. De resto, como nunca mais voltara ao liceu, não a tinha tornado a ver.

Abre a porta do seu quarto de sempre. Os outros onde vivera com Claude, até mesmo o quarto de Bruxelas, eram quartos de

acaso, sem vidros nas janelas, sem janelas, abertos a todos os olhares. É aquela a sua fortaleza, nunca conheceu outra. Lá fora é perigoso estar, há sempre o telefone que toca e é preciso atender, alguém que bate à porta e a quem é necessário falar, a própria presença – silenciosa embora, mas presença – da criada, que pode surgir de um momento para o outro junto de si. Piedade gosta, de resto, dessas aparições bruscas para coisa nenhuma, para dizer que o bacalhau vai faltar ou que a mulher a dias que vem uma vez por semana (indicada por ela) tem fama de ladra. De ladra de alto coturno, segundo a sua própria terminologia. Mas as coisas que vem dizer quase nunca correspondem à verdade, são simples boatos ouvidos aqui e além, nas suas rotas matinais. E Piedade sabe que eles são falsos ou, pelo menos, suspeita-o. Se assim não fosse calar-se-ia, ficaria à espera da iminência da tragédia ou da própria tragédia, para então poder dizer: «Não há bacalhau à venda.» Ou, melhor ainda, esperar num silêncio total que fosse Graça a dizer: «Desapareceu-me uma combinação.» Ou um anel. Ou dinheiro. Para então declarar triunfante: «Toda a gente sabe que a mulher a dias é uma ladra de alto coturno.»

Entre Graça e Piedade tem de haver uma parede e uma porta fechada. E nenhuma lhe dá maior segurança do que aquela.

Os móveis são os mesmos. A grande cama Império que a avó lhe deu antes de morrer, a pequena *coiffeuse* com o espelho já despolido e quebrado num dos cantos (foi Vasco que um dia o partiu a jogar à bola com ela), as duas cadeiras com o estofado azul, desbotado, o tapete de Arraiolos que a mãe fez e que tem pássaros também azuis na barra. Pássaros azuis e anémonas rosadas. Junto à porta, a mesa onde estudava e que dantes tinha em cima um candeeiro de pé alto, de bronze. Quantas coisas ouvidas e para todo o sempre guardadas, enquanto ia decorando maquinalmente os rios da Ásia ou o verbo *to have*.

O quarto fica de um dos lados do corredor. Do outro, quase em frente, mais para a direita, a sala.

* * *

O café tinha esfriado. O cigarro ardera sozinho no cinzeiro, mas a cinza não se desmanchava. Claude olhava a sala refletida no espelho, obscura e esverdeada como um aquário gigantesco, e dizia «E depois?», mas era uma pergunta desinteressada, feita num tom mole e impessoal, de simples delicadeza.

O pai tinha entrado no quarto como todas as manhãs. Dava-lhe sempre um beijo do lado esquerdo – que não era o do coração mas o da porta. «Passaste bem a noite?», e pronto, já tinha partido, mesmo que o seu corpo ali continuasse a estar por mais uns momentos. Só tornava a vê-lo à noite, quando se vinha despedir. «Boas-noites, Maria da Graça.» Era como se só a noite o preocupasse. Mas não era isso. O pai cultivava sem uma única falha essas fórmulas de cortesia burguesa, um pouco de meia tigela, que, segundo dizia, formavam o carácter das pessoas. Graça pensava que ele tinha razão, ou talvez nem isso pensasse porque só mais tarde, no tempo de Claude, começara a olhar para o pai com um certo espírito crítico de que brusca e inesperadamente se descobrira possuidora.

Mais tarde não havia de recordar a quantos estavam do mês, de que mês – unicamente que era inverno –, mas lembrar-se-ia de outras coisas mais insignificantes do que essa. Leda a entrar-lhe no quarto, por exemplo, muito depois de o pai ter saído. «Bons-dias, Graça.» Adaptara-se com facilidade aos ritos da casa, mais ainda, dir-se-ia que os tinha abraçado com o entusiasmo sempre exagerado de todos os recém-convertidos. «Como te sentes hoje?» Uma pergunta com resposta paga. Naturalmente devia dizer, com um daqueles sorrisinhos pré-fabricados que tinha sempre em caixa, que «melhor, obrigada» ou então que «na mesma, agradeço-lhe o cuidado». E tudo isso não significaria absolutamente nada, visto que todos sabiam que ela não tinha dores nem febre. O que mais a incomodava ainda eram as frieiras.

Já não sabia o que respondera nesse dia. Outro dos seus lapsos. Falta de sentido prático, dizia o pai. E iniciava logo ali um dos seus pequenos discursos mais ou menos didáticos, salpicados de provérbios, lugares-comuns e citações tiradas do padre Vieira, de D. Francisco Manuel ou da sabedoria das nações. Em geral ia buscar como exemplo (a não seguir) o tio Rafael, seu irmão, que vivia em África. Mas isso era outra história.

Nesse dia devia ter fugido à regra e dito a Leda que se sentia mal, ou aborrecida, porque a madrastra lhe respondera «Coitada, tens razão de sobra» e se sentara aos pés da cama, a olhá-la. Teriam dito mais alguma coisa? Não se lembrava. Só sabia que Leda tivera um sorriso rápido que lhe torcera ligeiramente a boca. Era um tique que lhe acontecia sempre que estava muito nervosa e que era incapaz de dominar. Graça vira-a mexer-se pouco à vontade e cruzar as pernas magras. Depois o seu olhar partira.

Também essa imagem havia de ficar como uma fotografia tirada à queima-roupa e preciosamente guardada no seu álbum particular para o que desse e viesse. Era uma posição nova, acabada de estrear como o vestido preto que Graça nunca lhe tinha visto e que a tornava mais nova e mais elegante. O seu rosto de feições corretas mas sem beleza, o seu olhar claro e incerto de estrábica tinham sido mal apanhados pela objetiva, ficado tremidos para todo o sempre na película. Como seria a linha do nariz? E os olhos? Seriam mesmo azuis, ou desbotados, incolores?

Disso já Graça não se lembrava. Lembrava-se, sim, de que o seu armazém de cansaço estava nesse dia mais cheio do que habitualmente e de que tinha aberto e fechado várias vezes o livro de Cronin que o pai lhe emprestara por especial favor e com muitas recomendações: «Não dobres as folhas. Vê lá se deixas cair alguma nódoa.» E no fim a moralidade: «Os livros, fixa bem, são os nossos melhores amigos.»

Vasco tinha chegado a meio da tarde. Regressara do Norte havia uma semana. Porque viera se àquela hora o pai nunca estava

em casa? Em geral dirigia-se logo ao seu quarto e empurrava a porta sem pedir licença. Nesse dia não. Passara por ela, pela porta, e fora direito à sala. Havia já um quarto de hora que lá estava. Aos ouvidos atentos de Graça chegava um murmúrio de vozes em surdina e uma onda, depois outra – seria impressão sua? –, de perfume. Levantara-se então e nunca soubera ao certo porque o tinha feito. E daí, pensando bem... deixando-se pensar... O seu subconsciente suspeitoso, tocado por dois ou três sorrisos sem causa aparente e logo dissimulados sem causa aparente também, por um aperto de mão mais demorado do que habitualmente e também por algumas transfusões de olhares, dizia de sua justiça e comandava-lhe os órgãos de locomoção. No meio do quarto ia caindo porque havia dois meses que não dava um passo. Abrira a porta muito devagar e espreitara para o lado da cozinha. Mas daí só lhe tinha chegado uma voz longínqua que no quintal cantava um fado qualquer. Avançara então, descalça e em camisa de flanela (às florinhas azuis), disposta a correr todos os perigos inerentes àquele *raid*. À porta da sala tinha afastado levemente, muito levemente, o reposteiro, e uma estreita fita de verdade surgira ante os seus olhos apesar de tudo pasmados. Uma fita vertical, luminosa, com duas figuras pintadas, hirtas, coladas uma à outra e beijando-se. Em cima de uma cadeira, seccionado pela beira da fita, estava um ramo de cravos amarelos (a flor predileta de Leda), embrulhado em papel de celofane. Deixara então cair a aresta de veludo que a sua mão segurava com firmeza e tinha tomado lentamente o caminho do regresso depois daquela breve incursão no mundo misterioso e brutal, incompreensível, dos adultos.

Claude está em cima da *coiffeuse*, prisioneiro da sua janela de cabedal vermelho com filete doirado, de onde olha para coisa nenhuma. Num momento de exaltação mandou ampliar uma pequena fotografia de passaporte, a única que tinha dele, e fechou-o ali para sempre.

«É uma hora, Graça, vamos indo. Tenho de me levantar cedo, não posso faltar à primeira aula, é muito importante para mim. Temos tempo, não é? Temos o tempo todo. Amanhã, depois, quando quiseres, quando te apetecer, contas-me o resto. Mas, pensando bem, para quê, Graça? Só te pode fazer mal. A tua madrasta era amante do Vasco, de quem tu gostavas... Que coisa mais natural? Natural que tu gostasses dele. As rapariguinhas de catorze anos deslumbram-se facilmente com os homens mais velhos. Natural que a tua madrasta fosse sua amante. Era bonito rapaz, desocupado ainda por cima – as mulheres adoram os homens desocupados que por isso têm tempo de se ocupar delas (desde que tenham um marido que ganhe o dinheiro, claro está). Ainda por cima o teu pai tinha um feitio difícil, não tinha? *Garçon, les deux cafés!*»

«Mas é importante. Queria dizer-te, precisava que compreendesdes, que fizesses por compreender...»

«Mas eu compreendi tudo, Graça. Um dia, em conversa, contactaste a alguém o que tinhas visto e o teu pai veio a saber... É isto ou não, Graça?»

«É.»

Não era. Seria simples de mais. E por cima de tudo a sensação amarga, ou talvez sensabor, de ter estragado as coisas, que afinal talvez já estivessem estragadas, de ter em todo o caso talhado o leite com a sua simples presença. As trutas tinham desaparecido (há quanto tempo?) e o chão fora cuidadosamente limpo. Só a alcatifa manchada e o aquário partido testemunhavam a recente cena épica. A nuca do criado também, naturalmente. «*Il aurait pu me tuer, monsieur l'agent.*» Essa, porém, já ali não estava.

Tinha saído. Era uma noite macia de primavera, tão suave. Havia no ar um aroma indefinível, a quê? Um pouco de algodão viera tocar-lhe no rosto fazendo-a estremecer. A sensação horrível de uma teia de aranha. Mas era um simples farrapo das flores dos castanheiros-da-índia, que todo o dia haviam esvoaçado sobre a cidade, ao sabor da aragem.

O *veuilleur de nuit* abriu-lhes a porta. Tinham subido ao quarto em silêncio. Tinham-se deitado em silêncio. Depois Claude fechara a luz e procurara a mão dela, fria, subitamente dura e ausente.

«Faz por não pensar, querida. Prometes?»

«Prometo.»

Custava alguma coisa?

«Estou!», responde à pergunta desnecessária de Piedade: «A senhora está aí?» Onde havia de estar senão ali?

A porta abre-se lentamente, Piedade penetra no reduto, pé ante pé, e vem falar-lhe quase ao ouvido, com ares misteriosos:

«A tal senhora chegou. Está na sala.»

Por um momento Graça sente-se perdida, quer agarrar-se a qualquer coisa, olha em redor, não vê nada a que possa amparar-se. Tudo é frágil e inconsistente. Vontade de fugir para longe, de vestir o casaco e descer as escadas de mansinho. Piedade podia muito bem ir à sala e dizer: «Afinal a senhora saiu. Julguei que estava em casa mas saiu.» Não está preparada e nunca foi uma improvisadora. Precisa de se concentrar, de sentir o coração maior que o peito e depois refletir e acalmar e pensar que não vale a pena, e dizer de si para consigo tudo o que lhe irá dizer a ela, ou, pelo menos, tudo o que gostaria de lhe explicar e que, bem o sabe, não lhe dirá. Porque nunca disse aquilo que quer dizer mas sempre outras coisas, diferentes e desnecessárias, que se formaram dentro de si sem ela se dar conta e que são tão pouco indicadas para o momento...

Piedade olha-a com espanto – ou com desprezo? (é difícil ler os sentimentos de Piedade, ela é incrivelmente subjetiva) – e Graça começa a pensar que é impossível ser a outra, a que ela espera, a que disse que vinha. É cedo de mais. Ela perguntou-lhe pelo telefone: «Às seis pode ser?» E Graça: «Às seis é uma boa hora.» Faltam só vinte minutos para as três.

«Como é essa senhora que está na sala?»

«Gorda e morena. Baixa. Usa óculos e tem um nariz esquisito.»

Clotilde-minha-querida. Piedade é uma fonte inesgotável de espantos. Cinco pinceladas e ali está Clotilde, não podem subsistir dúvidas a esse respeito. Graça respira fundo. Antes disso, mil vezes. Levanta-se, alisa a saia cheia de vincos horizontais, sai do quarto, agarra ao de leve, como naquela tarde, lá longe, o reposteiro de veludo. E fica-se a olhar.

A frase estava dita. Finalmente. Não muito bem, de acordo, mas, enfim, saíra de si, esvoaçara, entrara nos ouvidos de alguém, e isso é que era importante. Tinha-a pensado durante anos, lançara-a por fim para o fundo de uma gaveta (não sabia o que fazer daquela coisa incómoda e desnecessária), esquecera-a, a frase, claro, não a imagem, que essa fora fotografada e o retrato pendurado para todo o sempre numa parede, dentro da sua memória. Dera com a frase – intacta – havia poucos dias. «Quem guarda o que não presta, achará o que lhe é preciso», dizia o pai. «Nunca sigas o exemplo do teu tio Rafael.» Tinha razão. Nisso e em muitas outras coisas.

Fizera vinte e dois anos havia pouco e estava em casa de Clotilde. Na grande sala-casa de jantar a que ela chamava, mostrando muito os dentes de baixo, *living-room*. No *living-room* de Clotilde, que estava sentada na sua frente, ao lado de uma mesinha de tampo de espelho (onde havia um livro policial, um copo de água e uma campainha de bronze), a perna enorme, branca do gesso que a envolvia, a boca gorda, entreaberta, mole.

«Oh, filha, mas tens mesmo a certeza?»

A voz tinha saído diferente da habitual, com altos e baixos de montanha-russa, e Graça vira-a e ouvira-a engolir a saliva. Crescia-lhe água na boca. Tinha sorrido. O seu sorriso pois-então-não-havia-de-ter. Por quem a tomava? Se não estivesse absolutamente certa... Ora essa!

A outra tinha murmurado: «É que uma destas, uma destas... Podia esperar tudo!»

Podia, claro, mas nunca uma coisa tão grande, tão em bom. Uma pequenina suposição, vá, uma desconfiança... A Clotilde não lhe parece... A Clotilde não acha estranho... Qualquer coisa assim. Mas logo aquela certeza, aquela afirmação total... Eu vi. Mexera-se, agitada, na cadeira. A perna nem lhe doía.

Agora Graça ouve outra vez as suas próprias palavras, as que dissera – há quantos anos? – no *living-room* de Clotilde-minha-querida e que lhe voltam, em ricochete, a soar falso como Judas. Tanto as pensara, tanto as modelara... Era como se tivesse sonhado e julgado o sonho verdadeiro – acontece a toda a gente – e o fosse contar a alguém. Ou como se acabasse de levantar um falso testemunho pelo qual podia vir a ser condenada.

Clotilde olhava-a, interdita. «Mas isso é mesmo verdade? É que se fosse... se fosse...»

«Se fosse?»

«Ora! Tinha muitíssima piada.»

Não a acreditava, afinal de contas. Ela própria, ao ouvir as suas palavras, as achara estranhas, quase ridículas. Tanto tempo de exercício, uma longa pausa, é certo, mas depois, nos últimos dias, o estudo constante das vésperas de um exame difícil, e tudo para sair aquela frase hesitante e chocha.

Talvez, quando ela acabasse de descer a escada, até de sair a porta, a outra fosse logo ao telefone, arrastando a enorme perna, e ligasse para Leda. «Sabes quem acaba de sair daqui? Dou-te um doce. A tua enteada. O amor da tua querida enteada. E queres saber o que a trouxe cá? Visitar-me, claro, ver a pobre sinistrada, foi esse pelo menos o pretexto que ela deu. Mas a razão, a verdadeira? É de morrer a rir mas sempre quero dizer-te do que se trata para ficares prevenida.» Mas não, qualquer coisa no rosto da outra, na sua expressão ansiosa (ou saciada?), a sossegara de repente. Imaginar

aquilo de Clotilde-minha-querida era conhecê-la muito mal, não lhe dar o seu justo valor. Ela havia de dizer, sim, havia de contar em voz baixa, mas não a Leda. E depois pediria o maior segredo. «Vê lá, não me deixes ficar mal, se alguém soubesse... nem quero pensar...» Era o género dela.

«Que idade tinhas tu?», perguntara por fim. «Treze, catorze anos?»

«Catorze.»

«Eras uma criança. Podes ter-te enganado. As crianças exageram muitas vezes os factos, sem mesmo se darem conta. Viste-os a beijarem-se, de acordo. Simplesmente, pode não ter havido mais nada. Bem sabes que o Vasco...»

Interrompera-a precipitadamente, já não sabia porquê, ou melhor, sabia, talvez soubesse. Mas não queria pensar nisso. Interrompera-a.

«Não estou a exagerar. De resto, se nessa tarde me levantei...»

Clotilde-minha-querida também tinha tentado levantar-se mas deixara-se cair com um urro e uma careta terrível: «Maldita casca de banana!» Depois, voltando ao assunto que a preocupava: «No fundo não podes assegurar senão que os viste a beijarem-se. É muito pouco. O que me disseste, que a Leda foi amante do Vasco, parece-me arriscado. Até porque o Vasco...»

Entrara outra vez de chofre na história da queda. Interessara-se. Não havia direito de deitarem cascas de banana para o chão em pleno Chiado. E aquele sítio ali já era tão perigoso... Tinha sido no princípio da Rua Garrett, não tinha?

Clotilde respondia, conversava, mas não estava ali. Só regressara depois de um silêncio difícil de preencher, tão difícil que Graça se levantara para sair. E tinha um jeito matreiro na boca folhuda.

«Ouve cá, e porque vens tu contar-me isso, passados tantos anos? Porque eles te fizeram mal, não é? Não querem o teu querido. Pensaste então que isso era uma boa partida e lembraste-te de mim

para a executar. A pessoa indicada, o arauto do rei, o badalo. Que boa vingança, hem? A má-língua dos contemporâneos! Não sabes que sou amiga da tua madrastra? Bateste a má porta, minha pobre Graça...»

«Minha pobre Graça...»

Clotilde está na sua frente, de braços abertos, o cabelo grisalho e despenteado humedecido pela chuva, e ela, sem saber como, achase dentro de dois braços fortes, apertada, espalmada contra o peito gordo da outra, por duas mãos gordas também, que depois a afastam sem a largar, para a contemplar melhor, à distância.

«Minha pobre Graça...»

O que pode dizer, o que há de dizer? Nunca mais viu Clotilde desde aquele dia em que a foi visitar porque ela escorregara e partira uma perna. Por isso? Claro que não.

«... como estás mudada!»

Está? Talvez, é natural que esteja. Mas assim tanto? É mesmo de Clotilde, mesmo dela.

«Só ontem soube, por acaso, em conversa... como as coisas são! Temos a mesma modista, calcula, a Virgínia. Ontem fui lá e ela disse-me que tinha muito que fazer e isto e aquilo e que tinha que entregar esta semana uns vestidos a uma senhora viúva, que morava no Campo Grande e que chegara da Bélgica. Campo Grande, Bélgica, o coração deu-me um salto. ‘Como se chama essa senhora?’, perguntei. Foi assim. Ainda estive para te telefonar, mas sabes como eu sou, lembras-te, não é verdade?»

Graça não se lembra, mas acena afirmativamente.

«Pois é. O telefone e eu nunca nos entendemos. Para falar ao telefone é preciso um misticismo que eu não tenho. E disse então de mim para mim: vou aparecer sem dizer nada. É uma surpresa.»

«Uma agradável surpresa. Sente-se, Clotilde.»

Clotilde-minha-querida dá dois passos. Coxeia (véstígios da queda) e engordou extraordinariamente. Tem também um ar

abandonado, não se pinta. E com a sua pele escura e luzidia, os pelos do lábio superior que deixou de arrancar e o queixo recuado, parecia-se extraordinariamente com uma foca.

«O seu marido?»

«Bem. Como sempre. Mais magro. Eu, como vês, engordei. Uns bons quinze quilos. O tempo passa.»

«É. Passa.»

Não sabe o que dizer. Que assunto pode haver ali que não seja Leda? Ela está presente, Graça sabe-o muito bem. Ali, entre ambas. E as duas pensam nela. Os seus carrascos. Por isso fogem, por outros caminhos, até pelos piores. E Clotilde pergunta:

«Há quanto tempo morreu o teu marido?»

«Há seis meses. Fez ontem seis meses.»

Nunca lhe contara o resto da história. Naquela noite ele não mostrara interesse (tinha uma aula importante no dia seguinte), depois, passado esse momento de dádiva, já Graça o não poderia fazer. Mesmo que quisesse. Nunca mais.

De resto, Claude tinha encarado o caso como findo. Às vezes, se a via triste ou a achava mais enervada, dizia-lhe que não valia a pena voltar a mastigar o que já estava digerido. «Para quê, Graça? Morremos todas as noites e no dia seguinte é um dia novo.» Mais nada. Talvez não quisesse agitar as águas tranquilas do seu próprio lago. Talvez se tivesse muito simplesmente esquecido das palavras que ela lhe dissera e das que ela lhe calara.

Depois daqueles dois anos de Paris, sempre por quartos modestos de hotel, por restaurantes de *libre-service*, tinham-se fixado na terra dele, em Bruxelas, onde o tio lhe arranjara uma boa situação numa das suas fábricas. Aí adoecera e morrera, anos depois, anos sem história, numa breve semana ainda hoje diluída no nevoeiro espesso que Graça não sabia se estava sobre a cidade ou dentro de si própria.

Sofrera, claro, mas quanto? Mas como? Por ele, por ela? Estava perto de mais para saber. Talvez um dia, mais tarde, visse o filme

passar diante dos seus olhos. Por enquanto era impossível. Tanto fizera por ele, tanto jogara e perdera, até o pai, e não sabia medir a intensidade nem a qualidade do seu sofrimento. Sabia, sim, embora não quisesse pensá-lo, embora tal coisa fizesse parte dos segredos que guardava de si mesma, que se sentira como que liberta, perturbadoramente sua, e que esse era um sentimento que não sabia definir, guardar no *dossier* das coisas doces ou no das amargas.

Desfizera a casa (a dos móveis claros, a dos reposteiros abstratos). Um hotel, afinal, onde em vez de um quarto exíguo tivesse várias divisões exíguas também. Nunca se movera à vontade dentro delas, não possuía os móveis, as cores eram-lhe hostis, gritavam a sua presença, cobriam a dela. O cenário não era seu. Depois, sofria com o frio, as mãos rebentavam-lhe, levava os dias sentada ao lado do *poêle*. Que diferença de Paris, onde o sol nunca lhe tinha feito falta. O neveiro enervava-a, a neve obrigava-a a estar em casa, não gostava dos belgas.

«Mas, Graça, eu sou belga.»

Era. Que estranho. Mas dantes, em Lisboa, e depois, em Paris, nunca tinha dado por isso.

«Fez ontem seis meses.»

«Vê lá tu... O que é a vida. Coitada, também não tiveste muita sorte.»

A quem a ligará aquele *também*? A ela, Clotilde?

Clotilde-minha-querida sempre foi azeda, sempre se alegrou com o mal dos outros, especialmente dos que estavam mais perto de si. Porque era infeliz e a desgraça das outras pessoas lhe servia de bálsamo? E infeliz porquê? O marido adorava-a (Clotilde-minha-querida), não tinha dificuldades financeiras, era saudável. Mas quem podia saber! Tudo é tão possível na vida, até as coisas mais estranhas, as menos prováveis... Clotilde é infeliz, porque não? E então vingá-se. Com palavras azedas envolvidas no mel da voz: «Como estás mudada!» Com cartas anónimas cheias de protestos de amizade e dedicação...

Mas talvez não seja a si própria que Clotilde se refere quando diz que Graça *também* não teve muita sorte. Pode estar a pensar em muitas outras pessoas: em Leda, no pai, na própria Emília.

Clotilde e Emília vinham às vezes tomar chá e quando chegava do colégio ouvia-as a conversar na sala. Às vezes ia-lhes falar, estender a face rosada do frio ou do calor ao beijo indulgente de Emília, ao beijo demasiadamente caloroso da outra. Mas quase sempre ia direita ao quarto, tirava os livros da pasta, sentava-se a fazer os deveres para o dia seguinte. Leda perguntava então: «És tu, Graça?» Ela dizia que sim e as vozes tornavam-se muito mais graves e abafadas. Mas aquilo cansava e a pouco e pouco iam voltando à normalidade. Uma delas lembrava: «A pequena pode ouvir.» E as vozes baixavam. Emília falava devagar, arrastava lentamente as palavras atrás de si. Dizia, por exemplo, que gostaria de fazer qualquer coisa de útil ou até de inútil, uma dessas ocupações inúteis que as pessoas se sentem obrigadas a fazer, como escrever maus livros ou pintar maus quadros. «A garrafa ao mar», dizia Leda. Emília prosseguia: «Estou certa de que a maioria das mulheres escreve e pinta com o mesmo espírito com que a minha mãe bordava toalhas de chá. Para sentirem que são úteis, de certo modo. Femininamente úteis. Para não se sentirem a mais neste mundo, pagarem, em suma, a sua estadia.» E tudo aquilo, dito por ela, parecia extremamente importante e mesmo profundo.

Outras vezes Leda ia encontrar-se com as amigas numa pastelaria da Baixa ou iam juntas a alguma *matinée*. No regresso trazia sempre o olhar mais brilhante e muitas coisas para contar, via-se-lhe isso na frequência com que entreabria a boca para logo a fechar sem ter dito nada. Às vezes não resistia, lutava contra o intransponível muro de silêncio que o pai habitualmente construía à sua volta e contava qualquer coisa sem importância, um ou outro encontro que tivera, alguém que tinha casado ou que tinha morrido. O pai levantava os olhos do trabalho, dizia o «ah, sim?» completamente destituído de sentido, de quem não sente o menor interesse pelo

que acabava de ouvir, e continuava a fazer traços misteriosos numa folha de cartolina branca. Leda corava muito e nesses momentos os ombros descaíam-lhe um pouco mais e as pálpebras tombavam-lhe sobre os olhos como persianas que ela voluntariamente cerrasse porque lá fora não havia nada para ver. Às vezes parava em frente do aquário, como que esquecida. Que pensamentos seriam os seus?

Quando as amigas vinham era diferente. Leda ficava quase alegre, falava e ria. Às escondidas Graça ia começando a penetrar nas vidas de Clotilde e de Emília, principalmente de Emília, quando a outra aparecia sozinha. Pela sua voz grossa aprendera muitas coisas da vida em geral e da de Emília em particular. Aprendera também a conhecer Clotilde. «O saber não ocupa lugar», dizia o pai. Tinha mais uma vez razão.

Entre outras coisas soubera que Emília acabava de pisar o risco e fazer aquilo a que Clotilde chamava eufemisticamente (era muito cuidadosa nas expressões que usava) a sua serôdia experiência extramatrimonial. O amante (Clotilde não dizia tal palavra, chamava-lhe simplesmente *ele* – *ele*, que horror, *ele* era, continuava a ser dentro de si, o Vasco e mais ninguém), enfim, o amante ou *ele* chamava-se Bernardo de Melo e era um advogado obscuro mas cheio de ambições, que seguiria depois uma notável trajetória ascendente e apareceria pelo menos uma vez por semana (então já com dois II – Mello) na primeira página dos jornais da manhã onde lhe chamariam individualidade, depois de durante algum tempo lhe terem chamado entidade. Emília pertencera à época pré-histórica de Bernardo. «Não achas isto tudo ligeiramente indecente?», perguntava Clotilde-minha-querida. «Que queres, a mim choca-me. Não que seja puritana, bem sabes que o não sou. Mas no fundo não passo de uma pobre burguesa de ideias largas, ideias largas burguesas, não sei se me faço compreender. Depois, tenho a impressão de que é um pouco tarde, não achas? Aos quarenta anos, quarenta não, quarenta e dois...» Graça ouvia ciciar o seu nome e tudo acabava num sussurro de vozes ou numa torrente de música.

Emília não era velha, embora naquele tempo custasse a crer à Graça de dezasseis ou dezassete anos que ainda alguém olhasse para ela. Mas agora, vista com os seus óculos de ver ao longe, Emília não era velha, longe disso. Havia nela, isso sim, qualquer coisa que ainda se não via, mas que a própria Emília começava a sentir e os outros a adivinhar. Um movimento invisível como o tempo – o de todos os corpos que atingiram o seu apogeu, se detiveram nele o maior espaço de tempo possível e se põem a caminho da terra, que um dia se abrirá para os devorar. Assim ia o corpo alto e branco de Emília, o seu rosto mais baço, as suas pálpebras inferiores onde a pele começava – muito discretamente – a sobejar, os seus cabelos onde apareciam as primeiras brancas, logo cuidadosamente escamoteadas. Já era pouca sorte, logo na altura do grande amor!, lamentava-a Clotilde. Depois dizia que ela corria os institutos de beleza, se cobria de máscaras da cabeça aos pés, máscaras de lama – «Que lamaçal esta vida, minha querida Leda!» –, começara a fazer ginástica. «Ginástica, estás a ver?» E fungava de puro gozo.

Às vezes, quando vinham juntas, Graça ouvia Clotilde dizer com voz meiga: «Ó filha, que ar fatigado que tens! Deitaste-te tarde? Estás tão vincada...» Leda atalhava demasiado pressurosa: «Não acho. A Emília, de resto, é formidável. Os anos passam e ela sempre na mesma.»

Segundo Clotilde-minha-querida, ninguém, a não ser ela própria e Leda, sabia do «caso» de Emília. «Também, se não houvesse duas pessoas a par, de que lhe valeria a ela toda esta complicação?», dissera uma vez. Leda arriscava um comentário reticente. Gostava muito de Emília mas...

«Não compreendo essa duplicidade. Se gosta do Bernardo de Melo, porque não deixa o marido?»

Clotilde ria, rebolava-se mentalmente, as suas gargalhadas abriam e fechavam. Graça pasmava. «Se gosta do Bernardo de Melo...», dissera a madrasta. Teria ouvido bem?

Mas Clotilde-minha-querida interrompia-lhe as reflexões, lançada numa defesa cerrada da amiga. Uma defesa à sua maneira, naturalmente, de que a outra saía coberta de escoriações. Segundo ela, a Emília gostava muito – «Uma paixão, filha» – do Bernardo. (Mas não acabara de dizer que não serviria de nada à Emília ter um amante se não houvesse pelo menos duas pessoas a par do caso?) Primeiro que tudo, porém, continuava, primeiro que tudo estava o filho, o João, um rapazinho tão esperto que ia entrar para o Técnico. O lar, achava a Emília – e muito bem –, não devia ser afetado por coisa alguma. «Ouve cá, já pensaste em quantas pessoas ficariam infelizes se a Emília abandonasse – lealmente – a casa para ir viver com *ele*? Comecemos pelo marido, o pobre homem, é bom não o esquecer (um santo, aqui entre nós, chato mas santo), que a adora. A-do-ra-a. Depois o João, tão sensível, até faz versos... O que havia de sofrer se soubesse que a mãe, enfim, bem sabes o que quero dizer... Para acabar, *ele* próprio. O que seria desse rapaz tão ambicioso e com um futuro tão bonito, com uma mulher casada, de quarenta e dois anos, às costas?» Não, a verdade é que a Emília procedia o melhor possível, com muito tato, muita inteligência. Claro – e soltava uma risadinha –, o melhor possível tendo aquela complicação, porque se a não tivesse seria melhor. Mas, enfim, tinha de se ser compreensivo, aceitar as pessoas como elas são, com os seus defeitos e as suas qualidades. «Porque a Emília é uma pessoa cheia de qualidades, Leda.» A verdade é que nem todas as mulheres eram capazes de se sacrificar e resistir às tentações que a vida lhes semeava pelo caminho. E isso não queria dizer que fossem piores do que as outras.

Do outro lado do corredor, Graça sustinha a respiração. Como seria naquele momento o olhar da madrastra? Como seria o seu rosto? E a sua boca, sobretudo a sua boca? Mas o monólogo prosseguia. Agora Clotilde cantava em todos os tons a pureza da amiga.

Graça já não se lembrava das razões que ela dava mas sabe que eram muitíssimo convincentes.

Graça encolhe os ombros, diz a Clotilde que a vida é isto. Apetece-lhe dizer uma palavra feia, ela que detesta palavras feias. Dar uma definição mais justa da vida, a única que lhe ocorre de momento. Clotilde, porém, não é pessoa para essas coisas. Havia de ficar chocada, «oh Graça!». Diz portanto que a vida é isto, um pronome demonstrativo suficientemente indefinido para poder abranger tudo o que ela queira, desde a morte do pai à sua viuvez, passando, como não podia deixar de ser, por Leda. Que ainda pode abranger – e abrange – muitas coisas mais.

Agora há um vago sorriso no rosto trigueiro. Já começou há muito mas Graça não deu por ele.

«Oh, filha...»

Clotilde tem o olhar fixo num determinado lugar da sala, na sua frente, um pouco para a esquerda.

«... até o peixe encarnado?»

Graça solta uma pequena risada nervosa.

«Faz parte do ambiente. Sempre tive um peixe encarnado.»

«Tu não, a Leda...», diz a outra.

«A Leda? Talvez...»

A imagem que desde o princípio ali esteve, podem-na por fim olhar. Findas as divagações por Claude e por Emília. Podem encará-la de frente. Clotilde ajeita-se melhor na cadeira, cruza as pernas gordas, ou melhor, grossas, grossas como troncos, assoa-se. Está horrivelmente constipada, só agora se lembrou disso. Graça pergunta:

«Tens visto a Leda? Nunca mais soube nada dela...» Até ontem, pensa.

«Muito raramente. Às vezes chegam a passar-se meses... A Emília é que me dá notícias, moram perto, na mesma rua, veem-se

com frequência. Depois a Leda tem pouco tempo e eu vivo, como sabes, em cascos de rolha... Enfim, a vida afasta as pessoas...»

A naturalidade com que fala. Graça receia por momentos ouvir a continuação da frase: «... mesmo as melhores amigas» ou «mesmo quando se estimam como nós». Qualquer coisa à volta disso. Mas Clotilde-minha-querida detém-se prudentemente no limiar do exagero, limita-se a perguntar:

«Sabes que a Leda está empregada?»

Não, não sabia. Empregada onde? Mas ela tinha habilitações?

«Fala bem inglês, não te lembras? E alguma coisa de alemão.»

Não se lembrava de tantas coisas! Havia imagens grandes de mais (e vivas), recordações poderosas que tinham devorado, ofuscado, apagado com a sua presença outras recordações, as tinham feito tombar para sempre no abismo do esquecimento. Lembrava-se lá! De resto, tê-lo-ia sabido algum dia?

«Antes de casar foi professora, estava em casa de uma gente qualquer, muito rica, ensinava inglês aos filhos. Foi lá que o teu pai a conheceu.»

«Ah!» Chegara a pensar (no que pensam as raparigas!) que o pai a tinha ido buscar a algum sítio pior. A Antoninha falara-lhe de certas mulheres, de certas casas... Arletes, Carlas, Roses... Ledas, porque não? Só uma mulher sem vergonha, vinda não se sabia donde, enganaria um marido que era o pai dela. Mesmo que fosse com Vasco. A ideia tinha ficado. Nunca se tinha conseguido libertar completamente. De onde viria Leda?

«De resto (é Clotilde que fala), não sei o que seria dela, coitada, se não tem arranjado aquele emprego – se não lho tenho arranjado, sim, porque fui eu que lho consegui – mas, como dizia, não sei o que seria dela. O teu pai, Deus lhe tenha a alma em descanso que não o chamo cá, mas, enfim, a verdade é a verdade, portou-se indecentemente com ela. Separou-se sem explicações, deixou a pobre rapariga sem um chavo.»

«Separaram-se então sem explicações?»

«Nunca ninguém soube a razão, nem ela. A verdade é que suspeita de ti, como aquilo tudo coincidiu com a tua saída de casa... Mas não sabe o que podes ter dito ao teu pai.»

«Eu?» É de mais... Graça sacode uma linha do vestido e não sabe o que há de dizer. «Eu?», repete.

Quer mudar de assunto, perguntar por qualquer outra pessoa, por Vasco, é uma ideia. Tem dentro de si a leve esperança de ouvir Clotilde dizer que ele voltou, que fala às vezes nela, que a não esqueceu, ou então, pelo menos, que sabe que ele está bem. Falta-lhe, porém, a coragem. Sente, de súbito, um desejo que só dificilmente domina de se levantar, arrastar Clotilde até à porta, fazê-la sair à força, atirá-la talvez pelas escadas abaixo. Não pode suportá-la, nunca pôde, mas agora é pior. Com a idade, Clotilde deve ter prosperado, aumentado os seus *stocks* de azedume. Ou então é ela, Graça, que está mais impaciente e perdeu o velho sentido do humor (reduzido embora) que possuía. Dantes Clotilde divertia-a ou, pelo menos, espantava-a. Agora só consegue irritá-la. «A pobre rapariga...», «Fui eu que lhe arranjei o emprego...» Bolas para tudo.

«Hoje é o dia das visitas...»

A outra tira os óculos de grossas lentes, está a limpá-los cuidadosamente. Os olhos encolheram-lhe de súbito, são duas fendas trémulas, nuas, aflitas. Volta a pôr os óculos e é ela de novo.

«Estou à espera da Leda. Telefonou-me ontem. Que quer falar comigo. Pôr a limpo um certo número de coisas que nunca compreendeu. Foi o que ela disse. Agora estou a ver do que se trata.»

Fica a olhá-la na expectativa da reação. Clotilde-minha-querida irá saltar na cadeira, dar um grito, empalidecer? Mas não. Limita-se a declarar com muita calma, absolutamente invulnerável:

«Oh filha, que coisa mais esquisita esse vosso encontro. Gostava de ser mosca. Mas então vou-me embora, quero deixar-vos à vontade, não vai ser uma conversa para o meu coração. Sabes que soffro

do coração? Também eu, calcula! Descobriram agora isso... E aparece... Até podíamos combinar uma tarde de sábado. A Leda e a Emília iam também. A Emília quer ver-te, com certeza. Fala sempre de ti... Soubeste que aquilo com o Bernardo de Melo, crrr!» (Traço horizontal com a mão em frente do pescoço gordo.) «Ora que cabeça a minha! Claro que sabes, foi muito antes de teres saído de casa.»

Foi. Dois anos talvez, ou mais. Lembra-se muito bem. Um dia, Bernardo de Mello (com dois ll) aparecera pela primeira vez sem ser em grupo (só cabeça), na primeira página dos jornais. Fora nomeado diretor-geral de um organismo qualquer, ou talvez fosse presidente de um conselho de administração, e quase ao mesmo tempo pusera a palavra fim no seu caso amoroso com Emília. Pouco depois casara com uma menina-bem e com bens, o que era igualmente interessante para um homem tão ambicioso como ele, tão desejoso de triunfar depressa, e depusera sem hesitação aos pés da noiva entronizada para o efeito, toda de branco vestida, a sua oferenda: Emília.

Durante algum tempo ela falara em matar-se e tinha mesmo chegado a tomar um sedativo qualquer em dose maciça. Haviam-lhe feito, porém, uma lavagem ao estômago, e ela continuava viva. Mas mortalmente ferida. Era, pelo menos, o que parecia.

Clotilde, ambientada pela recordação desse percalço da amiga, diz agora que o Bernardo é felicíssimo e já vai no oitavo filho. E que a Emília não parece a mesma – («Minha pobre Graça, como estás mudada!») –, um autêntico caco.

«Um caco velho, vai custar-te a reconhecê-la.»

E os olhos de Clotilde-minha-querida brilham em todo o seu esplendor, diretos e despudorados, por detrás das grossas lentes redondas.

Vai a descer a escada. Graça puxa o fecho para o lado direito, só então encosta a porta, devagar, cuidadosamente, e deixa a pouco e pouco a lingueta correr, voltar ao seu primitivo lugar. No corredor ainda ouve os pesados passos lentos de Clotilde. Receosos. Desde

a queda que a deixaria para sempre coxa (uma razão mais para odiar os outros, os que não coxeiam), desde esse dia, Clotilde deve olhar sempre com dobrada atenção para o chão que pisa, com receio de cair outra vez. Um dos seus pés bate mais do que o outro. Porque não terá querido descer no elevador? Mas agora se lembra. Clotilde nunca gostou de elevadores.

O tio Rafael também não. E Gracinha ria perdidamente desse medo inexplicável que era ridículo naquele homem forte e risonho. «Mas porquê, tio Rafael, porquê?» Ele encolhia os ombros, tinha aquele sorriso quase infantil que lhe mostrava os dentes pequeninos e lhe fazia tremer as gordas bochechas. Ele era a gota de água no deserto e ao mesmo tempo a ovelha ronha da família, qualidades essas (ou defeitos, segundo o ângulo de visão) que se encontram com frequência lado a lado. Um poeta, afinal, só mais tarde Graça o havia de compreender, um poeta que nunca escrevera versos e que a vida empregara traiçoeiramente (porque ela não gosta de poetas, a vida; «porque esse mandrião nunca quis estudar», dizia o pai) na casa Faria Benavente, Comissões e Consignações, da Rua dos Fanqueiros, onde, valha a verdade, raramente aparecia. Andava sempre sem dinheiro e cheio de dívidas, e o pai não lhe perdoava a sua total ausência de senso prático. Havia constantes discussões mais ou menos azedas entre ambos. Se Leda ou Graça diziam bem dele, gabavam as suas qualidades, o pai enervava-se muito. «Mas que boas qualidades são essas, podem dizer-me?» Leda abria a boca, ficava indecisa, sem saber muito bem quais elas eram, as qualidades que o tio Rafael possuía mas que era incapaz de separar desse todo que a fazia finalmente declarar que ele era «muito bom rapaz». O pai dizia secamente: «Quase todos os imbecis deste mundo são pessoas excelentes.»

Um dia, porém, o tio Rafael, esgotado de Comissões e Consignações, esgotado também, com certeza, das contínuas discussões com

o irmão, resolvera partir para Luanda, como turista, sem emprego, à aventura. E lá se fora um dia no grande barco cinzento e branco a caminho de uma vida nova.

O pai dizia às vezes num tom de troça: «Que será feito do turista?» Depois voltava-se para ela e a sua voz fazia-se séria: «Minha filha, que isto te sirva de exemplo. As vidas como a do teu tio têm sempre mau fim. O meu irmão nunca se preocupou com o dia de amanhã. Mais tarde ou mais cedo, aparece aí carregado de doenças e de dívidas. Cá está o mouro.»

Graça dizia: «Sim, papá.»

«O trabalho e a economia, fixa bem, são as únicas riquezas que possuímos. Quem guarda acha.»

«Sim, papá.»

O tio Rafael nunca voltara. O que tinha chegado certo dia, alguns anos depois, fora uma carta, uma única carta. O pai rasgara o sobrescrito, lera atentamente, voltara atrás várias vezes e estava muito corado. «Que descoco!», tinha dito entre dentes. Depois, sem uma palavra, sem um comentário, sem um gesto de irritação também, rasgara-a em pedacinhos.

A curiosidade sempre fora um dos fracos de Graça. Depois, gostava muito do tio Rafael e vira que o selo era de Angola. Em terceiro lugar, fazia *puzzles* com muita facilidade, treinara-se durante a doença. Levara pois para o quarto todos aqueles papelinhos que o pai deixara descuidadamente dentro do cinzeiro de cristal e ao fim de meia hora conseguira pôr tudo a limpo, até mesmo a mulata que dera um herdeiro ao tio Rafael, que por essa razão tinha resolvido fazê-la entrar com a maior legalidade no seio da família.

No dia seguinte o pai queixara-se pela primeira vez de uma dor esquisita, no peito. Fora ao médico e ao jantar dissera que sofria do coração e não podia ter preocupações.

* * *

Graça volta à sala. A imagem de Clotilde e a sua voz partiram com ela. Felizmente nada ficou. As recordações são às vezes mais fortes do que as presenças e durante um momento o tio Rafael está ali, na sua frente, de perna traçada, a fumar lentamente, deliciadamente, um cigarro magrinho que ele próprio acabou de enrolar. Mas também ele se vai e Graça senta-se no braço redondo do *fauteuil* de Vasco, a senti-lo partir e sem fazer um esforço, por mais pequeno, para o reter. O tio Rafael já ali não está. Ficou sozinha com o *fauteuil* que continuará a ser pelos séculos dos séculos o *fauteuil* de Vasco. Estende o braço direito por detrás de umas costas que não existem e a mão fica-lhe aberta, quieta, como se contornasse o ombro de alguém.

Onde estará o Vasco? Estará mais gordo? Terá cabelos brancos? Como será?

Naquela noite trouxera consigo o seu belo e sereno perfil de medalha, um fato cinzento de bom corte, um colete de camurça verde. Graça atirava a cabeça para trás e via-lhe o cabelo pesado, compacto, em dois tons de castanho, que encaracolava quase até à nuca.

«Conta coisas, coelhinho. Que tal o liceu? A Antoninha está boa?»

Graça contraía-se toda. O liceu. A Antoninha. Uma conversa «para ela». Porque não lhe pediria também para dar uma vista de olhos aos cadernos? Já agora...

«Tive 12 em Português, 13 em Francês, 8 em Matemática...»

«Basta!»

Vasco tinha as mãos no ar fingindo-se assustado. As suas mãos eram grandes e magras, muito cuidadas. O pai levantara o olhar do estirador:

«Devias ter vergonha. Ainda apregoas notas dessas. Vai para o teu quarto estudar. Já estás no terceiro ano e tens quase catorze anos. Não reparas como estás crescida, uma mulher? As pessoas devem

ter a noção das suas responsabilidades. Anda, vai estudar. E depois mete-te na cama.» Olhara para o relógio de pulso. «São quase onze horas, não tens idade para te deitares tão tarde.»

Ela atravessara a sala, sem vontade, a balançar a saia azul, preguiçada, que começava a ficar-lhe curta.

«Não me dás um beijo, coelhinho?»

Não. Não lhe dava um beijo. E se desse? Tinha parado à porta, estava hesitante. Mas os outros já a tinham esquecido, Vasco principalmente. Pusera de lado a voz doce que arranjava para lhe falar e a sua voz era agora natural, talvez até o fosse excessivamente.

«Queres alguma coisa de Tânger?»

«Vais a Tânger?», perguntara Leda, espantada.

«Vou. Amanhã. Com um amigo que tem carro. Vamos por Espanha. Uma semana, quando muito.»

O leve estalido do isqueiro a acender-se. Graça tinha parado à saída da sala, ficara quieta, expectante, atrás do reposteiro. Havia à sua volta uma penumbra agradável e protetora. Que ia fazer para o quarto? Estudar? Tinha sono, afinal de contas. «São quase onze horas, não tens idade para te deitares tão tarde.» Atravessara o corredor arrastando os pés.

«É com o Ferreira que vais?»

«É.»

Um silêncio. O ruído da borracha a arrañhar o papel.

«Não devias andar tanto com esse Ferreira.»

Que esquisita a voz da madrastra e que esquisita a frase. Porque não havia de andar o Vasco com quem lhe apetecesse? «Porque não há de andar o Vasco com quem lhe apetecer?», disse o pai. «Estás a exagerar o teu instinto maternal...»

«Frustrado.»

«Frustrado ou não, estás a exagerá-lo. O Vasco sabe muito bem, ou pelo menos deve sabê-lo, se lhe convém ou não andar com A ou com B. Não temos nada a ver com isso. Meu caro Vasco, vais

então a Tânger? Muito bem. *Il faut que jeunesse se passe*. Queres que o Vasco te traga alguma coisa, Leda? Por acaso tenho ali umas pesetas...»

A madrasta respondeu secamente: «Não quero nada.»

«Mas eu é que te vou trazer um presente. Um frasco de perfume, queres?»

Graça tinha entrado no quarto, fechara a porta à chave, atirara-se para cima da cama a chorar.

Levantara-se da doença muito magra, mal se podia aguentar de pé. Ao mesmo tempo, porém, sentia-se extraordinariamente poderosa. Acontecia-lhe muitas vezes pensar: «Um dia destes, amanhã, depois, quando eu quiser, quando me apetecer, acaba-se a Leda. Finda a boa vida e os chazinhos com as amigas.» Era, no entanto, um desejo meramente abstrato. Pensava «quando eu quiser» mas nunca descera à maneira de querer. E a sua vingança, triste, miserável vingança, limitara-se a quebrar o frasco de *Lotus Flower* que Vasco trouxera um dia de Tânger. Só muito mais tarde, no tempo de Claude, olharia o problema de frente. E Clotilde deparar-se-lhe-ia como única saída.

Uma tarde de domingo, o telefone tinha tocado e Leda fora atender, depois estendera o aparelho ao pai.

«Perguntam por ti...»

«Quem?»

«Não disseram...»

«Devias ter perguntado. Bem sabes que não gosto de atender o telefone quando não sei... Está? Sim, sim, lembro-me perfeitamente. Como está você?»

Depois um longo silêncio. Do outro lado do fio a voz não parava de falar. O pai respondeu por fim, deram-lhe tempo: «Meu caro, o que você me pede é tão desagradável... Eu, vendo bem, não lhe sou nada. Ele é primo da minha primeira mulher. Não haverá outra solução? Será mesmo necessário?»

Outra vez a voz de além-túmulo que falava de Vasco. Que diria? Leda estava hirta, vazia, parecia ter-se esquecido completamente de respirar.

«Bem, de acordo. Então vou lá agora mesmo, mas não sei muito bem o que vou dizer. Qualquer coisa? Essa é muito boa, qualquer coisa... Enfim, boa tarde, meu caro.»

Desligara o aparelho com a mão esquerda, ainda com o auscultador no ouvido, como quando estava muito irritado.

«O Vasco foi preso. Era de esperar. O que eu nunca pensei é que me metessem numa destas. Tenho que ir dizer à família porque parece que há um cunhado com influência. Dizer o quê sempre gostava de saber. Explicar que foi preso, enfim, tudo isso.»

«Preso?»

Leda estava muito pálida, e ela via-lhe a boca a mover-se, a torcer-se, independente da sua vontade. «Mas preso porquê?», tinha perguntado por fim a madrastra, num sopro, a medo. Perguntara para não ser ouvida e logo tinha voltado a cara, levado a mão aos lábios.

O pai tinha dito com secura: «Não faças perguntas idiotas, por favor. Já bem basta o que basta.»

Depois dissera que aquilo só a ele, que atraía os aborrecimentos, tinha um íman, era isso, um íman. Enterrara o chapéu na cabeça, vestira a gabardina com uma pressa tão zangada que um botão rolara pela *carpete*. Depois saíra batendo com todas as portas: a de casa, a do elevador, a da rua. E os ecos haviam-se estendido, colado uns aos outros. Tinham-se por fim dissolvido no ar.

Outra porta a bater. Mas desta vez é a da cozinha e Piedade surge na frente de Graça – «Não sabia que a senhora estava aqui, julguei que estivesse no quarto» –, que a apanha em flagrante delito de fraternidade, com um pires meio de migalhas para o peixe. Graça finge que não dá por nada e vai-se embora.

«A tal senhora ainda há de vir», diz já a caminho da porta, sem se voltar. «Esta que saiu há bocado era outra.»

Piedade resmungava afirmativamente e Graça ouviu o ruído ligeiro das migalhas esparzidas do alto, enquanto o peixe, certamente desconhecedor das boas intenções das criaturas, deve ter descido às suas profundidades submarinas.

Passa em frente do espelho da *coiffeuse* e vê, mesmo sem a olhar, a sua sombra de perfil. Detesta esse perfil que não conhece, que nunca viu senão dificilmente, com um espelho na mão, com outro ao lado, e que não lhe pertence, que é dos outros. Mesmo sozinha sente-se constrangida com aquela imagem momentânea que flutua e logo se esvai, deixando vazio o cenário e que é afinal a sua. «Minha pobre Graça, como estás mudada!» A imagem dessa Graça. Dessa ou da outra, tanto faz. «Coitada, também não tiveste muita sorte.» Não tivera. Ou tê-la-ia tido sem dar por isso? A princípio fora maravilhoso, um deslumbramento. Mas teria sido mesmo um deslumbramento? Não teria sido ela a querer que assim fosse, a desejar-se deslumbrada, a abraçar-se com o desespero dos afogados à primeira ilusão que tinha passado ali perto?

Ia falar com uma colega da Faculdade e invertera dois números. Devia ser um dois e um cinco e ela marcara um cinco e um dois. Dizer que por uma coisa dessas a sua vida tinha tomado um rumo diferente e não só a sua como a do pai e a de Leda. Uma voz respondera do outro lado, uma voz de homem que falava mal o português.

«Alô!»

«Desculpe, creio que me enganei. De que número fala?»

«Todos passamos a vida a enganar-nos. Você não?»

Era uma voz risonha, um pouco aguda, agradavelmente errada. Ela respondera: «Eu? Sei lá... Assim de repente...»

Mas não tinha desligado. A voz, do outro lado do fio, esperava também. Aquele silêncio grande, sólido, de quando as pessoas esperam por coisa nenhuma, com um pedaço de baquelite na mão.

«Não desliga?», tinha ele perguntado.

«Não gosto de desligar. É uma responsabilidade que se toma. Detesto tomar responsabilidades.»

«Sim, sim, a responsabilidade de cortar este frágil fio que nos une momentaneamente. Se você desliga acabou-se tudo, matou-me para todo o sempre. E quem sabe se eu não era uma coisa importante. É isto?»

«Mais ou menos.»

Fora assim que as coisas tinham nascido. Como tinham morrido, ou melhor, murchado, era mais difícil de dizer. A verdade é que não sabia qual o momento preciso em que começara a olhar Claude com aquelas lentes que tornavam tudo tão nítido, tão assustadoramente verdadeiro, como o que se reflete em certos espelhos que servem para estudar as imperfeições da epiderme. Os pontos negros, enormes crateras; os pelos do buço, arbustos curvados à beira do abismo. Com ele, com Claude, nada de lentes de inventar, nada das imagens difusas, das atmosferas crepusculares às vezes tão cómodas e sedativas. Porque tinha sido assim? Sabia lá...

E no entanto o início fora bem outro. Tinham-se encontrado depois daquela conversa telefónica e ele não chegara como as pessoas chegam. Ou seria ela, talvez, que o não tinha esperado como as pessoas esperam... Nem valia a pena pensar nisso. A impressão que guardava era dele a chegar e não dela à sua espera. Dele que não viera como os outros, com um sorriso, uma palavra diferente, um olhar, uma presença. Assim. Ele não. Atravessara de rompante a vida dela, varrendo tudo o que até então estivera arrumado em gavetas, metido em *dossiers*, etiquetado, ou ignorado muito simplesmente, e que fora trazido à luz pela força da tempestade. Havia destroços à sua volta, a chave dos segredos – até ela – a boiar na crista das ondas (mas essa não boiara muito tempo, pudera reavê-la), pedaços de ideias que herdara e de sonhos, que, esses, eram seus. Sê-la-iam mesmo? Aqui e além avistava bocados do pai, pedaços dispersos da imagem venerada, involuntariamente quebrada pelo iconoclasta.

Ele olhava para tudo com serenidade porque reconhecia de súbito, bruscamente, que nada daquilo valia muito a pena. Um bom alívio, no fim de contas.

Claude compreendia tudo, não era extraordinário? Ela começava uma frase, detinha-se, e a frase continuava nos lábios dele. Era como se conhecesse Leda e o pai. Falava de ambos como se nada deles lhe fosse desconhecido. E Graça sentia que afinal era aquilo o amor. Encontrar uma pessoa a quem se pode contar tudo. Tudo? Não, claro, nem isso seria possível. Mas o mais que podia. As lágrimas pelo cão atropelado, a grande saudade da mãe, a maneira como detestava Leda...

A vida podia afinal ser outra coisa e ali estava na sua frente como um largo mar, bem verde, aberto a todas as partidas. Verde? E aí tinha hesitado, agora se lembrava. Verde ou de outra cor, ou sem cor, e depois? Em todo o caso, um mar. E isso, sim, era importante.

A viagem fizera-se de princípio pelas ruas da cidade, cheias de gente e desertas, longe das outras pessoas, das que passavam e não estavam ali, longe também das velhas máquinas ferrugentas que repetiam a mesma coisa todos os dias de todos os anos. «Passaste bem a noite?» – «A tua avó que Deus tem...» – «Que isto te sirva de exemplo, Graça... O trabalho...»

Com ele, pelo contrário, tudo era novo, até quando as coisas se repetiam, porque não tinha chegado a entendê-las, a habituar-se, a achá-las naturais, a cansar-se delas. Um pouco como se o ar respirado não tivesse tido tempo de lhe sair dos pulmões. E era assim, com a respiração em meio, o peito dilatado, e leve, leve, a pairar sobre todas as coisas e todas as pessoas, que ela corria com Claude lugares que ele já tinha visto nos seus poucos meses de Lisboa, mas que ela não conhecia ainda porque nascera em plena Estrela. Eram sítios que ele recortara da paisagem para uso próprio e para colar no seu álbum de recordações e também com certeza para lhe mostrar a ela. Tinha uma técnica curiosa. Para conseguir o *cliché* era

necessário meio metro quadrado de chão (aquele e não o outro, o que ficava à direita ou à esquerda, atrás ou à frente) para dali olhar na direção sul ou este ou até sudoeste e a uma determinada hora do dia, com os minutos e às vezes os segundos bem contados. E o quadro surgia completo como ele o desejava. Em Cascais (tinham lá ido de propósito) havia dois barcos entre muitos outros. A razão por que tinham sido aqueles os eleitos nunca a soubera e talvez não tivesse procurado conhecê-la. Eram aqueles. Punham-se à espera e no rosto dele não havia a menor ansiedade. Uma simples expressão de expectativa. O sol estava prestes a mergulhar no horizonte, às vezes incandescente ainda, outras como um balão já furado, a meter ar, a incendiar-se, já incendiado, caído numa água sanguinolenta. Ele dizia então, subitamente desinteressado: «Vamos.»

Mas aquilo que ela tomava por fantasia, por entusiasmo, por amor às coisas belas, não passava afinal de contas de um interesse passageiro de turista. Claude não tinha máquina fotográfica, talvez nunca tivesse pensado nisso. Fotografava as coisas com os olhos, depois guardava a foto e fechava o álbum. Guardá-la-ia mesmo?, pensara Graça mais tarde. Mas guardava. Lembrava-se das imagens nos seus mais ínfimos pormenores. De todas. Possuía uma espantosa memória visual. Como Vasco.

Vasco. Onde estará com o seu perfil de medalha? Podia ter perguntado a Clotilde, ela sabe tudo, sempre esteve a par da vida de toda a gente, mas faltou-lhe a coragem. Leda vai chegar mas também a ela não perguntará coisa alguma. Não poderá, não quererá perguntar. Leda vai falar de Vasco mas do antigo que ambas conheceram, que ambas amaram. Do outro talvez não. Mas Graça tem receio de que não seja assim e de que a madrasta lhe venha trazer notícias recentes. E ela não quer para nada essas notícias. Tudo o que possam dizer-lhe será mau, quer ele esteja vivo quer ele tenha morrido. Prefere às palavras duras que explicam e magoam aquela vaga atmosfera de

infância onde ele se movia à vontade, onde ele era *ele*. Na atualidade não teria lugar. É tudo demasiado real e transparente. As mãos da camponesa, dantes tão belas (eram de Vasco), são agora de borracha e lembraram-lhe há pouco aquelas terríveis frieiras (que já não tem). Vasco de cinquenta anos, com cabelo branco ou quase calvo. Velho. Morto. Apodrecido. Para que o quer?

O Vasco de antes, sim, o que chegava, se sentava no *fauteuil* de Vasco, em frente do quadro de Vasco. A madrasta às vezes não estava ainda em casa, era cedo, e ela ia fazer-lhe companhia. Eram os melhores momentos da sua vida, esses que passava ali sentada em frente dele. Deslumbrada pelo seu rosto, pelas suas mãos, pelas palavras que dizia. Falava então, contava-lhe todas aquelas coisas sem importância, às vezes tão importantes, que precisava de dizer a alguém mas que não sabia contar ao pai nem podia contar a Leda. O que pensava. A morte da mãe. A sua saudade. Ele sorria:

«Não são coisas para a tua idade, coelhinho. Nem para a minha, quanto mais... Não digo que não te lembres da tua mãe, claro. Mas deixa os velhos barbudos pensarem na morte. E as velhas beatas. Tu tens é que pensar na vida, olhar para a frente. Ir ao cinema, aprender a nadar, não faltar às aulas...»

«São quase duas horas, pai. Não posso perder a aula.»

O pai estava de pé, encostado à estante, muito hirto, ao lado do seu busto, sério e de queixo levantado.

«Mas vais perdê-la. Suponho que não terá sido a primeira vez que tal coisa te acontece. Todos os meus amigos te têm encontrado por esplanadas e jardins. Até em Cascais, a olhar para os barcos... E num dia de semana, se não me engano. De aulas, portanto.»

«Era para o por do Sol, pai», disse Graça com o seu pequeno, discreto sorriso.

«Não estou a brincar.»

«Nem eu, pai. Mas gosto de dizer as coisas como elas são. Não eram os barcos que estávamos a ver. Era o pôr do Sol.»

O pai olhava-a pesadamente, mas Graça tinha aguentado, a pé firme, sem vacilação, o peso desse olhar.

«Porque não me falaste disso tudo há mais tempo?»

«Talvez por não ter ainda a certeza.»

«E agora já tens?»

«Já.»

«Muito bem.»

Duas palavras tão simples e tão carregadas de ironia. O pai saíra do seu lugar encostado ao próprio pedestal e dera alguns passos pela sala, à volta da mesa onde já nesse tempo abria a rosa cristalina. De repente estacara em frente de Graça, metera os polegares nas cavas do colete. Pronto a atacar.

«Que faz ele?»

«Mas estuda, claro. Em Paris. Está no último ano de Engenharia.»

«Perdeu-o com certeza.»

«O tio está cá, quis que ele viesse passar uma temporada com ele. Era, de resto, uma oportunidade única.»

Novo passeio. Outra paragem súbita junto do busto e uma frase importante seguida de outras não menos graves.

«Deves acabar esse namoro. Como podes calcular, se te digo isto, é porque tenho boas razões para o fazer. Claro que procurei saber de que gente se trata.»

«Informações, como se faz com as criadas. E... pelos vistos foram más...»

«Foram más. O teu Claude, minha pobre Graça – Claude, não é? –, não tem um chavo. Foi criado por esse tio que tem qualquer coisa de seu, mas três filhos legítimos, do matrimónio. Não vale a pena deixares o teu país para lebares uma existência modesta ou até pobre.»

«E se eu achar que vale a pena?»

«É contigo. És maior. Tens vinte e dois anos. Casas se quiseres mas já sabes que não contas comigo. Para nada.»

Graça levantara o queixo, ou talvez já o tivesse levantado, não o sabia ao certo. Tinha sido nessa altura, porém, que a imagem do pai começara a acusar as primeiras fendas, leves ainda, quase invisíveis, não propriamente fendas mas aquela espécie de teia que aparece na louça de má qualidade ao fim de um certo tempo de uso. Ou fora naquela ocasião que o olhar de Graça tivera acuidade suficiente para a ver.

«Posso sair ou quer mais alguma coisa?»

Ele esperava com certeza o que quer que fosse, lágrimas talvez, consolá-la-ia e depois, quem sabe?, a pouco e pouco, talvez se deixasse convencer pelo seu desgosto. Mas Graça estava na sua frente, hirta e à espera. Tinha os olhos secos e parecia extremamente calma. Era mesmo a sua filha ou seria uma estranha? Era um estranho aquele homem que olhava Graça e dizia «Podes sair, não quero mais nada»? Era um estranho, seu pai? Era um estranho. A imagem estava feita em pedaços.

Só mais tarde Graça tentou reuni-los, mas foi sempre um trabalho difícil, um *puzzle* muito mais complicado do que o outro, o da carta de Luanda. A alguns desses pedaços nunca os encontrou, nunca os encontrará. Perderam-se na voragem, levou-os a corrente. A imagem ficará para sempre incompleta, boa não para deitar fora mas para guardar a um canto, no sótão das recordações.

Olha para o pequeno relógio de pulso que Claude lhe ofereceu num dia de anos. São quase seis horas, Leda deve estar a chegar.

Tinha telefonado na véspera. Graça ouvira-lhe a voz baixa, vagarosa, que de vez em quando parecia estrangular-se: «És tu, Graça?» Assim, com a maior naturalidade, como se na véspera se tivessem separado as melhores amigas do mundo. «És tu, Graça?» Não, não podia ser, era impossível que fosse Leda. Que tinha ela para lhe dizer ou para lhe perguntar ao fim de tantos anos?

«Sou», respondera. «Quem está ao telefone?»

«Não me conheces?»

Um silêncio. Não arranjava, de momento, palavras disponíveis. Era como se todas lhe tivessem fugido para bem longe, deixando-a vazia, sozinha, sem possibilidades de salvação. Tudo lhe parecia tão falso, tão despropositado... Leda a falar-lhe ao fim de tantos anos e a falar-lhe assim. «És tu, Graça? Não me conheces?» O que havia de fazer? Deixar-se arrastar pela facilidade e responder «Não sei quem fala...»? Mas Leda tinha uma voz muito especial, não se prestava a enganar.

«Leda!», exclamara por fim.

Uma simples exclamação, entusiástica de mais, sem nada a ver com os seus sentimentos do momento nem mesmo com os do passado. Depois, o silêncio. Como se o espanto a não deixasse falar. Competia à outra prosseguir a conversa, dizer mais qualquer coisa que mostrasse a disposição em que vinha, se era de ataque ou de bom entendimento.

«Soube esta manhã, pela Emília. A Clotilde é que lhe disse. Gostava de falar contigo, sabes? Estás em casa amanhã?»

Podia esperar tudo...

«Estou sim, Leda. Toda a tarde. Pode vir à hora que quiser.»

«Depois das seis, então...»

«Muito bem. Fico à sua espera.»

À espera do amor, à espera de que o pai compreendesse, à espera de que Clotilde falasse, à espera do perdão que nunca havia de chegar, à espera, inconscientemente à espera da liberdade, à espera de regressar onde já nada a esperava, à espera de Leda... De que mais?

«A doença do meu marido é mortal, doutor?»

Antes de fazer a pergunta já sabia muito bem que Claude não se iria salvar. Sempre tinha sabido as coisas antes de acontecerem.

Sempre soubera que Leda havia de sair daquela casa, desde um dia, lá longe, em que uma folha caíra de uma árvore.

«Devemos ter sempre esperança. Que seria de nós sem esperança?»

Era o médico que falava, já com o pensamento noutra assunto.

«Compreendo, doutor.»

Estava pálida, desfeita, tão fatigada que era capaz de encarar serenamente a ideia da morte de Claude. O principal era ter uma cama e poder dormir muitas horas.

«Precisa de descansar», tinha-lhe dito o médico. «Que ganha o seu marido com esse sacrifício? Para que há de passar as noites na sala de espera se nem mesmo o pode ver?»

«Eu sei, doutor.»

Mas sentava-se numa cadeira desconfortável, folheava velhos números rasgados do *Paris-Match*, deixava-se embalar pela luz que vinha de uma prega do teto. Às vezes a cabeça pendia-lhe e acordava sobressaltada. Claude ia morrer, e chamava-a, ela ouvia-lhe nitidamente a voz. Saía da sala, ia direita à receção:

«O doente do quarto 90?»

«Está ligeiramente melhor.»

Estivera sempre ligeiramente melhor até ao último momento.

«O doente do quarto 90?»

«Precisa de ter coragem...»

Tivera coragem. Fora mesmo tomada de uma estranha serenidade. Como se depois de nadar durante muito tempo contra a corrente se achasse a flutuar nas águas quietas de um lago, sem necessidade de agitar os braços. Claude fora um sonho bom que se prolongara pela manhã dentro, um daqueles sonhos onde nunca estamos inteiros, em que há sempre o que quer que seja de ausente, a ouvir quem passa lá fora, no corredor.

Agora ela tinha aberto os olhos. Como estará Vasco? E Leda? Com que idade? Deve estar velha... Cinquenta anos, mais? Terá

cabelo branco e dentes postiços? A sua cara, a sua boca de hoje, como serão?

Nos dias que se tinham seguido àquele dia – àquela tarde de inverno – em que surpreendera Vasco e Leda, quase vergara ao peso daquele segredo enorme, pesado de mais para os seus ombros. Depois fora-se habituando à ideia, contentava-se com saborear a frase que era sua e acabara por sentir que o prazer se iria por completo se algum dia a contasse a alguém. Fora preciso haver mais tarde uma força exterior para se resolver a libertar de si as palavras que arrumara, quase esquecera por fim. E escolheria então Clotilde como ponte. Ela guardara para si o papel modesto de instrumento do destino a atuar à distância. Os instrumentos do destino, porém, são muito mal vistos. São os intermediários do mal. O inimigo escolheu-os porque são fracos ou muito fortes. E qualquer destas coisas não agrada às pessoas. O que é imensamente normal.

Um dia chegara uma carta. Graça vira-a na salva de prata e lembrar-se-ia sempre de que o sobrescrito era azulado, de papel ordinário e escrito numa letra primária e irregular, a tinta roxa. Não tinha remetente. O pai abrira-a, à tarde, quando chegara a casa para jantar, cuidadosamente como sempre fazia, com a faca de bronze. Devagar para não rasgar nenhum dos cantos. Tinha-a lido uma vez, duas vezes, como lera outra carta, havia muitos anos, fizera-se também muito pálido e metera-a no bolso sem olhar para ninguém. Nem para Graça nem para Leda. Tinham jantado como nos outros dias e, tal como nos outros dias, o pai pedira a Leda que lhe passasse o sal «por favor» e recomendara à criada, com a sua voz de sempre, que dissesse à cozinheira que a sopa estava insossa.

Depois, quando todos se tinham levantado, voltara-se para a mulher:

«Dás-me licença? Precisava de dizer umas palavras à Graça.»

Leda saíra e a porta fechara-se devagar. O pai tinha outra vez a carta na mão, atirara-a para cima da mesa.

«Lê.»

Graça nunca mais acabava de a ler. Havia uma estranha corrente magnética entre o seu olhar e aquele pedaço de papel ordinário onde a tinta aqui e além se esborratara.

«Foste tu quem escreveu isto, não é verdade?»

Graça continuava prisioneira, não podia levantar os olhos, não podia falar. O rosto continuava-lhe liso e quieto e nem um som lhe saía dentre os lábios cerrados.

«Foste tu. Diz aí: ‘Alguém que os viu na sala. Esse alguém não pôde ter dúvidas.’ Alguém. Quem, passados oito anos, viria escrever isto? Uma criada? Era cómodo, não? Mas as criadas nunca se fizeram velhas cá em casa. Quantas por cá passaram nestes últimos oito anos? Oh, não... Só tu para te vingares da má receção feita a esse indivíduo. Anda, fala. Porque escreveste esta coisa miserável? Uma carta anónima... A coisa mais reles... A minha filha! É ao menos verdade?»

Graça mantinha-se disciplinadamente quieta, de olhos baixos, o papel bem agarrado. Ouvira uma bofetada, depois outra e outra ainda. No seu rosto? Talvez. Talvez fosse no seu rosto, mas não estava certa disso. Era um som estranho, abafado. Mas ela perdia o equilíbrio, ia bater na parede. Era pois o seu rosto que alguém esbofeteava.

«Pai...»

«É ao menos verdade?»

Graça acenara afirmativamente.

«Ouça, pai...»

Ele, porém, agarrara a carta, arrancava-lha das mãos, abria a porta, saía para o corredor. Graça tinha ficado quieta, sem pensamentos, um grande momento. Depois pegara no telefone e marcara o número de Claude.

«Tenho que sair de casa ainda esta noite», dissera.

* * *

O pai tinha morrido sem lhe perdoar. E Leda? E Vasco? Mas esse não tinha nada a perdoar-lhe, talvez ignorasse tudo, era possível, era quase certo que ignorasse tudo. Vasco desaparecera logo depois daquele dia de prisão. Nunca mais o tinha visto.

Um dia o pai saíra mais cedo de casa. À tarde dissera:

«Lá estive na estação, que fauna! Enfim, *noblesse oblige*.»

Graça tinha sentido o coração subitamente mirrado e duro, que estranha sensação. Uma pequena pedra dentro do peito.

«De quem se foi despedir, pai?»

«Do Vasco, não sabias? Pensei que a Leda te tivesse dito.»

«Nem veio cá a casa... Para onde foi ele, pai?»

Mas o pai respondera secamente, sem indulgência: «Para o diabo! Enfim, para Paris. E agora não me maces, por favor. Aborrecido estou eu.»

Era tão pouco do pai aquela exclamação! Em todo o caso, tinha insistido: «E ele, vai escrever? O pai pediu-lhe que escrevesse?»

«Ele escreve se lhe apetecer, Graça.» Era a madrastra quem falava, muito docemente, mais do que era seu costume. «Nunca se deve pedir às pessoas que nos escrevam. É um pouco como se lhes pedíssemos uma esmola, compreendes?»

Era o dia dos espantos. Graça olhava-a mas não compreendia. Como podia Leda falar assim, com tanta calma, da partida de Vasco, da possibilidade de ele não voltar a escrever? Ela nunca havia de o esquecer. Nunca, nunca, nunca. Fugira para o quarto. Tinha o rosto molhado de lágrimas.

Abre a janela. Já anoitece cedo em outubro, no dia dez de outubro. Choveu toda a tarde mas agora há uma acalmia e, por baixo do candeeiro que fica no passeio em frente, a poucos metros da árvore — que árvore será? —, há um charco redondo, quieto e luminoso.

Graça semicerra os olhos e vê a luz lançar-se em palhetas doiradas à volta do globo feito estrela.

São seis e vinte em ponto e Leda ainda não chegou. Espreita para ambos os lados da rua mas só avista um homem gordo, de gabardina, que leva um grande guarda-chuva pendurado no braço. Depois o homem desaparece e a rua fica completamente deserta. Parece domingo.

Para que virá Leda? Que virá dizer-lhe, perguntar-lhe? Que quererá ouvir? Chegará carregada de explicações, dir-lhe-á que nunca houve entre ela e Vasco mais do que aquilo que Graça viu um dia? Virá explicar-lhe a sua vida de mulher quase abandonada, a fugaz ilusão de amor que Vasco lhe dera? Trará censuras, acusá-la-á de ter desfeito um lar, de ter morto o pai com aquele desgosto, de a ter morto a ela? Ou virá vê-la, muito simplesmente, sem saber que foi ela a culpada, a verdadeira criminosa? E Graça, que lhe há de dizer se ela vier falar-lhe na carta? Que a não escreveu? Mas qual é a diferença? E se falar, se explicar tudo, que acontecerá?

Mas não vai acontecer coisa nenhuma, tudo ficará irremediavelmente igual e sem conserto. Porque o que tinha de se estragar já se estragou. Morreu uma noite para não voltar.

De repente, quase sem transição, abre o guarda-vestidos, tira o casaco, o mais grosso, o de pelo de camelo que mandou tingir de preto. Pega na mala, dá um rápido olhar ao espelho da *coiffeuse* que está partido num dos cantos. Vê o seu rosto mais pálido do que habitualmente e os seus olhos cor de avelã estão quase verdes, como sempre que a maré está a subir e arrasta consigo algas e limos.

Está à porta, tem a mão no fecho, quando dá com Piedade que a encara estupefacta, sem compreender.

«É a tal senhora? Não está à espera de uma senhora qualquer?»

A voz de Graça é rápida, apressada, e o seu olhar fugidio não quer fixar Piedade, resvala por ela, dissimulado, já está longe. Onde está?

«Se essa senhora aparecer diga-lhe que saí, que... que fui para fora de Lisboa... que não sabe quando volto. Diga-lhe qualquer coisa.»

«Bem...»

Piedade não gosta de assuntos escuros e aquele parece-lhe bastante turvo. Abana a cabeça, dá um estalo com a língua.

«Bem... a senhora lá sabe.»

Não sabe. Desce as escadas a quatro e quatro, desprezou o elevador, tem medo de se encontrar com Leda quando sair.

A madrastra pode muito bem estar lá em baixo, à espera para entrar. Pela escada é mais difícil.

Detém-se à porta, olha para os dois lados, atentamente. Mas a rua continua deserta. Só lá ao fundo, do lado direito, uma mulher magra, de cabelos brancos, caminha à chuva que voltou a cair, sem se apressar, como se a não sentisse. Graça põe o lenço na cabeça e volta para a esquerda. Será Leda? Não sabe, não quer saber.

Um grande carro cinzento passa velozmente, salpica-a de lama. Graça sente nas pernas uma matéria fria e grossa, e ao mesmo tempo um nó na garganta, prestes a desatar-se em lágrimas. Mas não será assim. Ela chama-as lá de dentro, afoga-as, domina-as. E limita-se a limpar, rapidamente, com um lenço de assoar, as pernas de seda negra.

Chove mais. Um táxi com luz verde retarda o andamento, para junto dela. Graça abre a porta e lança-se para dentro dele, encolhe-se toda a um canto.

«Para onde deseja ir?»

Mas Graça não quer ir para parte nenhuma, quer simplesmente estar. Estar. Não ter fome, nem sede, nem sono, nem sentir dentro de si aquela estúpida ansiedade que afinal de contas nunca a abandonou. Não pensar em Leda nem no pai, nem em Claude nem em Vasco nem em si.

«Vá descendo a avenida», limita-se a dizer.

Se pudesse descer sempre – ou subir – sem se deter, seguir adiante sem olhar para os lados, sem lados para olhar. Sem nada ao fim do caminho a não ser o próprio fim do caminho. Mas não. Em dado momento, dentro de cinco, de dez minutos quando muito, terá de se materializar de novo, de abrir a boca, de dizer «vou descer aqui» ou «pare no fim desta rua» ou «dê a volta ao largo». Não poderá deixar de o fazer.

Mas por enquanto vai simplesmente a descer a avenida e pode por isso fechar os olhos. É um doce momento de repouso.